



CRB

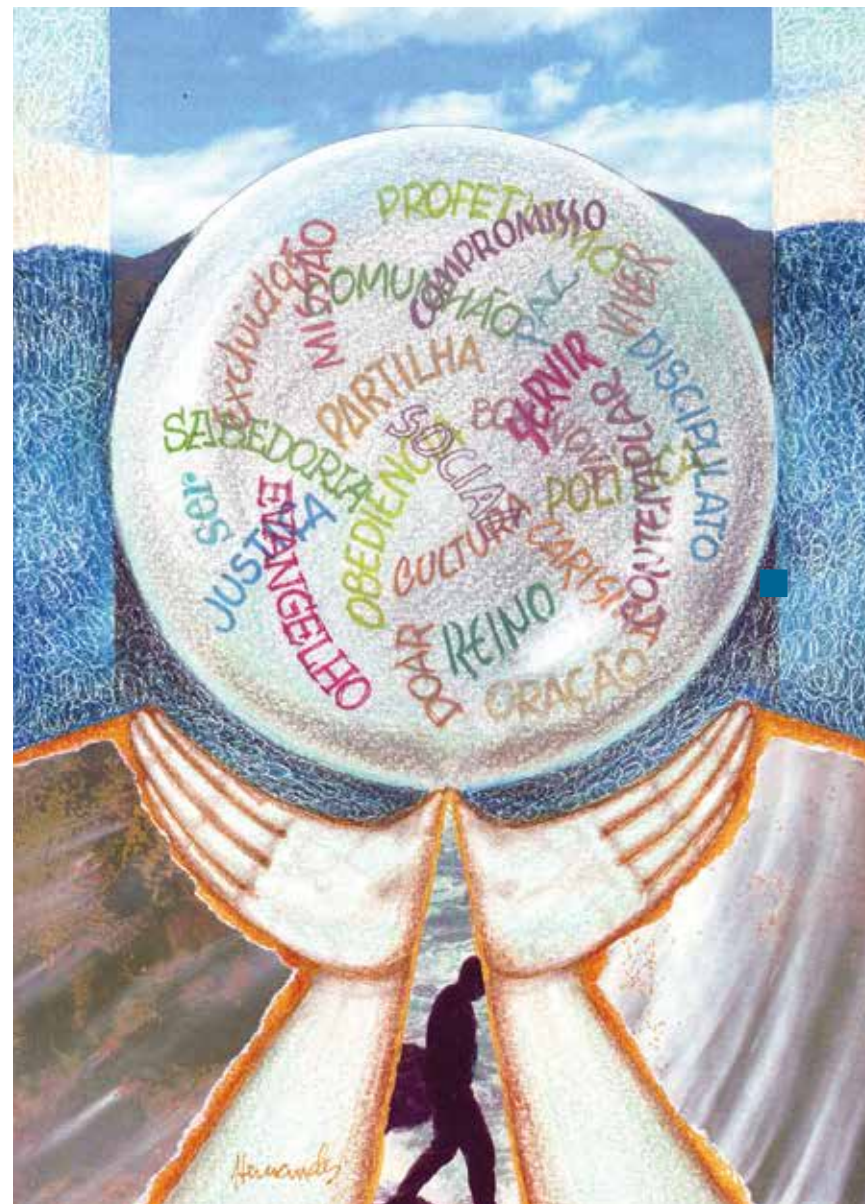
## Quadro Programático da CRB 2010-2013

### HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

### PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Como propor a Vida Contemplativa aos jovens de hoje?
- Evangelizar a partir do eremitério
- Capitalismo, a grande (e intransponível?) fronteira
- Espiritualidade e inter-religiosidade

JULHO/AGOSTO 2011 • XLVI • nº 443

# CONVERGÊNCIA

## Sumário

### Editorial

Alegria e esperança!..... 313

### Informes

Bem-aventurada Dulce dos Pobres..... 317

Encontro Anual da Região das Águas..... 323

Na esquina do Amazonas..... 326

### Arte e Cultura

A música popular brasileira: da glória ao lixo  
PLUTARCO ALMEIDA.....329

### Artigos

Como propor a Vida Contemplativa aos jovens de hoje?  
MARTHA LÚCIA RIBEIRO TEIXEIRA.....333

Evangelizar a partir do eremitério  
SALVIO ROMERO, OFMCAAP .....347

Capitalismo, a grande (e intransponível?) fronteira  
ÉLIO ESTANISLAU GASDA .....357

Espiritualidade e inter-religiosidade  
FAUSTINO TEIXEIRA .....373



### CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB  
ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

### REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj  
MTb 2122

### CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst  
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Pe. Cleto Caliman, sdb  
Pe. Jaldemir Vitorio, sj  
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507  
Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tels.: (61) 3226-5540  
Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:  
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:  
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:  
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00  
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)  
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40



CRB

## LANÇAMENTOS 2011 – CRB NACIONAL



R\$ 10,00

JUVENTUDES  
O exercício de aproximação



R\$ 10,00

QUE NOSSOS OLHOS SE ABRAM!  
Uma leitura de Mateus



R\$ 10,00

CICLO DE RETIROS DA CLAR 1  
Escuta

Pedidos pelo e-mail: [publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)

Confira no nosso site [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
outras publicações da CRB Nacional

Alegria e esperança!

313

Com o coração cheio de alegria e de esperança chegamos

EDITORIAL

CONVENCIMENTO

Na mesma linha, segue-se o artigo escrito pelo jovem Frade capuchinho Salvio Romero, que optou por viver num eremitério no interior de Pernambuco. A título de “aperitivo”, eis algumas poucas linhas do que ele diz:

Sou frade capuchinho há dezoito anos e vivo como eremita desde 2005. Meu eremitério se localiza numa pequena área verde bem ao lado do nosso convento na cidade de Caruaru-PE. Sou, portanto, um eremita urbano e desenvolvo uma ação apostólica adequada ao meu estado de vida. Há cinco anos, iniciei uma “escola de meditação” como forma de partilhar os frutos espirituais do eremitério com outras pessoas sedentas de Deus. Atualmente, nossa escola é constituída por cerca de cento e cinquenta meditantes, distribuídos em dez grupos distintos.

O terceiro artigo desta edição traz uma análise do Padre Élio Gasda – da Faculdade dos Jesuítas de Belo Horizonte-MG e também da Equipe de Reflexão Teológica da CRB – acerca do capitalismo, sua face atual e suas gravíssimas implicações para uma Vida Religiosa que, conforme a Prioridade n. 2 da CRB para o triênio 2010-2013, quer “avivar a dimensão profético-missionária da CRB, atuando nas novas periferias e fronteiras, [...]”. O texto é muito duro, chocante até, mas a sua leitura com certeza poderá nos ajudar a compreender melhor o mundo em que vivemos para, assim, podermos nele atuar/evangelizar.

De acordo com o Padre Élio,

o capital exerce formas de controle total não somente sobre a atividade produtiva, mas sobre a vida como um todo. O capitalismo do novo milênio é o capitalismo financeiro, cognitivo, menos apoiado na indústria e mais no consumo. Nele, os mercados controlam todos os processos da atividade produtiva, a inovação do conhecimento, a produção, a distribuição, o consumo.

A seção de artigos se encerra com o texto do professor Faustino Teixeira, da Universidade Federal de Juiz de Fora,

um dos teólogos mais conhecidos e admirados do Brasil. “Espiritualidade e inter-religiosidade” é o tema desenvolvido por ele nesta edição de *Convergência*. Após a leitura deste artigo, poderemos, quem sabe, ter uma visão mais clara e também mais crítica a respeito do pluralismo religioso em que a sociedade se encontra mergulhada. Trata-se, efetivamente, de um grande desafio, que, para Faustino, se resume em

compreender essa pluralidade religiosa não como um dado conjuntural passageiro ou fruto de cegueira problemática dos seres humanos, mas como um mistério transbordante, um dom que corresponde a um misterioso desígnio de Deus para a humanidade. A espiritualidade é um dos caminhos frutuosos para a percepção do valor da diversidade.

Os informes desta edição, tentando fazer ecoar ainda as reflexões propostas pela Campanha da Fraternidade 2011, trazem a “Carta das Águas”, resultado do Encontro Anual da Região das Águas, realizado em Manaus-AM, que a CRB promoveu em Santarém-PA, e o interessante depoimento de Dom Pedro Conti, bispo de Macapá-AP, sobre a sua experiência pastoral em meio aos conflitos sempre presentes na Amazônia. Mas o que merece realmente um maior destaque é a biografia, feita pela Irmã Adriana da Costa Guilherme, da Irmã Dulce, declarada pela Igreja, no último dia 22 de maio, Bem-Aventurada Dulce dos Pobres! Logo em seguida, colocamos o depoimento da Irmã Maria Gorette da Silva, cofundadora do Instituto Filhas de Maria Serva dos Pobres, Congregação que a própria Bem-Aventurada Dulce dos Pobres criou no ano de 1984, em Salvador-BA, onde viveu e trabalhou por toda a vida.

Acreditamos que a vida e a obra dessa religiosa baiana servem para nós como exemplo a ser imitado, um estímulo a nos desapegarmos das “zonas de conforto e segurança”, tão comuns, infelizmente, na Vida Religiosa Consagrada, de ontem como de hoje.

Que o “Anjo Bom da Bahia”, a “Irmã Dulce dos Pobres”, nos ajude, então, a intensificar sempre mais, e sempre “de olhos fixos em Jesus” (cf. Hb 12,1-3), a opção pelos empobrecidos, como ficou tão claramente expresso pelas associadas da CRB Nacional em sua última Assembleia Geral Eletiva.

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

### NOTA DE ESCLARECIMENTO

A Administração da revista *Convergência* tem recebido, nos últimos meses, várias reclamações acerca do atraso de recebimento e até mesmo de revistas que não foram entregues.

Queremos esclarecer o seguinte:

- 1) Uma vez que a assinatura foi efetivamente paga, o nosso cadastro geral faz o registro.
- 2) Se o registro já foi feito, as etiquetas são impressas e as revistas seguem normalmente pelos Correios, todas no mesmo dia.
- 3) Há casos, porém, de assinantes que ou estão com o cadastro desatualizado, ou simplesmente ainda não efetuaram o pagamento.
- 4) Por outro lado, também existem muitos casos de revistas que não foram entregues por falha dos Correios, e nesse sentido temos feito inúmeras reclamações aos órgãos competentes. Aliás, a própria direção da ECT já reconheceu a precariedade dos seus serviços nos dias atuais.

Esperamos contar com a compreensão de todos os nossos assinantes, sabendo que nem sempre somos culpados pelos problemas ocorridos. Mas se o problema for realmente nosso, estaremos prontos a corrigi-lo sempre que possível.

Continuamos aqui às suas ordens!

### *Traços biográficos*

por Irmã Adriana da Costa Guilherme, fmsp\*

Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes nasceu no dia 26 de maio de 1914, no bairro do Barbalho, na cidade de Salvador, Bahia, filha do Dr. Augusto Lopes Pontes, catedrático em Odontologia, e de D. Dulce de Souza Brito Lopes Pontes. Foi a segunda de um total de cinco filhos. Criada no seio de uma família profundamente católica e piedosa, teve uma infância alegre, cercada de muito amor dos pais, avós e tios. Aos sete anos, perdeu sua querida mãe e foi, a partir daí, criada por três tias paternas, que muito a influenciaram no seu desejo de fé e solidariedade. Desde criança já manifestava preocupação com os mais carentes, quando os assistia no portão da sua casa. Aos treze anos, manifestou pela primeira vez o desejo de tornar-se *religiosa*, contudo seu pai ponderou e pediu que ela primeiro se formasse professora, o que veio a acontecer em dezembro de 1932, aos dezoito anos.

No mês de fevereiro do ano de 1933, seguiu de trem até a cidade de São Cristóvão, Sergipe, onde permaneceu durante dezoito meses, como postulante e noviça da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Em 13 de agosto de 1933 ocorreu a cerimônia de vestição, e recebeu o nome religioso de Irmã Dulce, em homenagem à mãe. Em 15 de agosto de 1934 fez os votos temporários e foi designada para retornar a Salvador, para iniciar as primeiras missões como *religiosa*. Atuou no Hospital Espanhol e, posteriormente, como professora, no

\* E-mail: dricaguilherme@yahoo.com.br.

Colégio Santa Bernadete. Próximo ao colégio ela viu nascer a favela/palafitas dos Alagados. Com autorização das suas superiores, iniciou a peregrinação de socorro aos moradores daquela localidade. Nas palafitas instalou um posto de saúde improvisado, contando com o apoio de dois médicos voluntários. Em paralelo, dedicava-se também à melhoria das precárias condições de trabalho dos operários e das operárias das fábricas de tecido instaladas na região de Salvador conhecida como Cidade Baixa. Em benefício desses pobres filhos de Deus criou a “União Operária São Francisco” e, logo após, o “Círculo Operário da Bahia”, numa época em que ainda não existiam as leis trabalhistas. Em 15 de agosto de 1938 fez os votos perpétuos, em Salvador.

Em 1939, para abrigar um jovem jornaleiro que morria de malária na rua, invadiu uma casa abandonada num lugar conhecido como “Ilha dos Ratos”, na Península Itapagipana. Expulsa, peregrinou pelos arcos da colina da Igreja do Bonfim e pelo Mercado do Peixe. Cansada de ser desalojada e humilhada com seus pobres, pediu a sua superiora para usar o galinheiro do Convento Santo Antônio, situado na Avenida dos Dendezeiros, bairro de Roma, local onde hoje se localiza o núcleo principal das suas Obras Sociais. A partir desse momento sua ação foi se ampliando cada vez mais. Inaugurou cinemas para angariar recursos, criou a “Obra do Quilo”, dava assistência religiosa aos presidiários na antiga “Cadeia da Coreia”, criou uma rede de aleitamento materno, com o apoio das mães dos Alagados, aleitando os recém-nascidos das parturientes tuberculosas aos cuidados do Anjo Azul dos Alagados, como já era chamada pela imprensa da época.

Em 1950, inaugurou, com o apoio da Previdência Social, um restaurante popular, visando atender os operários, comerciantes e toda a população carente da Cidade Baixa. Em 1959, fundou, com apoio de amigos e religiosos, a Associação Obras Sociais Irmã Dulce (OSID), no intuito de sistematizar as ações de caridade que se tornavam gigantescas. Construiu o “Albergue Santo Antonio”, para abrigar centenas de doentes que se espalhavam pelos espaços do



Círculo Operário da Bahia e o entorno do Convento Santo Antonio. Movida por um profundo espírito de caridade, ampliou a sua ação por toda a cidade de Salvador, abrigando meninos abandonados, idosos, portadores de deficiência física, tuberculosos etc.

O começo da década de 1960 – mais precisamente em 1964 – viu nascer, pelas mãos da Irmã Dulce, no local onde funcionou o antigo Núcleo Agrícola da Bahia, o “Centro de Recuperação de Menores Abandonados”, que chegou a abrigar mais de trezentos meninos em situação de risco social. Este centro hoje é conhecido como Centro Educacional Santo Antônio, um colégio em tempo integral, com projeto educacional de referência no estado. Em 1970, com o Albergue lotado de doentes, Irmã Dulce edificou, com a ajuda do povo baiano, mais um prédio hospitalar, agora denominado Hospital Santo Antônio. O trabalho não parava de crescer. A sua política da “última porta” não permitia que se recusasse um só filho de Deus que chegava em busca de socorro no seu hospital. Na ausência de leitos, só ficava sem internamento quem não aceitava um colchão no chão, ou até mesmo no necrotério.

O novo Hospital Santo Antônio foi inaugurado em 1983, podendo contar, a partir de então, com mais de mil leitos para a população mais carente. Foi construído integralmente com a ajuda dos baianos que atenderam ao seu chamado participando da “Campanha do Tijolo”.

1984 marcou a fundação do seu Instituto religioso, ao qual deu o nome de “Filhas de Maria Serva dos Pobres”, a fim de manter a espiritualidade de sua obra social. Em 1988, o então presidente do Brasil, José Sarney, lançou o nome da Irmã Dulce para o Prêmio Nobel da Paz, com o apoio da rainha Sílvia, da Suécia. Em 20 de outubro 1991, no seu leito de enferma, recebeu a visita do Papa João Paulo II. Esteve com o pontífice pela primeira vez em 1980, na visita que ele fez ao Brasil.

O “Anjo Bom da Bahia” faleceu no dia 13 de março de 1992, depois de dezesseis meses acamada em seu quarto no Convento Santo Antônio, transformado numa semi-UTI.

# 320

Foi sepultada na Igreja da Conceição da Praia, Padroeira da Bahia, no dia 15 de março. Em 1999, o povo brasileiro elegeu Irmã Dulce como a Religiosa do Século XX, através do projeto “O Brasileiro do Século XX”, realizado pela revista *IstoÉ*. Em 2000, foi iniciado o Processo de Beatificação e Canonização de Irmã Dulce, por causa da aclamação de todo povo brasileiro em reconhecimento ao seu exemplo de amor e serviço ao próximo. Também no ano de 2000 o povo baiano elegeu Irmã Dulce como a personalidade mais importante do estado do século XX, uma campanha promovida pela Rede Bahia. Mais uma vez, em 2006, o povo brasileiro a elegeu como a *brasileira inesquecível*, um projeto do jornal *O Estado de S. Paulo (Estadão)*. Finalmente, em 2010 o Papa Bento XVI assinou o decreto da beatificação. Isso quer dizer que Irmã Dulce imitou de perto o amor e a pobreza de Cristo, dedicou toda a sua vida ao próximo e foi o testemunho vivo da fé cristã.

## *Testemunho da Irmã Maria Gorette da Silva, fmsp\**

Tomei conhecimento de Irmã Dulce e de sua obra através do “Caso Verdade”, transmitido pela TV Globo na década de 1980. Identifiquei-me imediatamente com o trabalho desenvolvido por ela e logo escrevi colocando-me à disposição como voluntária. Recebi sem demora a resposta da freira, dizendo que eu seria muito bem-vinda. Deixei, então, meu trabalho, minha família, para viver trabalhando com Irmã Dulce em Salvador.

Sempre mantive em meu coração um desejo profundo de consagração. Sendo assim, passados alguns meses, conversei com Irmã Dulce e falei da minha vocação. Foi aí que a irmã revelou-me o apelo que sentia de fundar uma Congregação religiosa que pudesse sustentar e dar continuidade ao seu trabalho. E foi exatamente no dia 17 de janeiro de 1984 que ela nasceu, como Instituto Filhas de Maria Serva dos Pobres.

\* Cofundadora do Instituto Filhas de Maria Serva dos Pobres, natural de Lagoa Nova, Rio Grande do Norte, tem 58 anos de idade, 26 anos de Vida Religiosa, e reside em Salvador há 28 anos. Ela foi a primeira filha espiritual da Bem-Aventurada Dulce dos Pobres.

Refletindo sobre a eficiência e oportunidade destas obras que crescem, venho-me preocupando com a organização da mesma. Recorri à oração. Pedi com insistência as luzes do Espírito Santo. Levei meus problemas aos cuidados maternos da Beatíssima Virgem Maria Imaculada. Tudo que vem sendo realizado é obra do Senhor. Sou apenas um fraco instrumento nas mãos de Deus. Ele é o meu tudo. Determinei fundar uma Associação com a finalidade de garantir a permanência das Instituições e com a esperança de, mais tarde, amadurecidas as FMSP, bem formadas, terem seu Instituto aprovado pela Santa Sé como Congregação Religiosa. (Estatutos das Filhas de Maria Serva dos Pobres)

A convivência com Irmã Dulce, mesmo que não tenha sido integral, me fez aprender a amar a Deus na pessoa do pobre, do doente, do marginalizado e excluído. Irmã Dulce é para mim um grande modelo de santidade, uma escola de fé e vida. Nessa escola aprendi a sempre procurar dar atenção àquelas pessoas mais necessitadas, às mais excluídas da nossa sociedade, pois, como ela mesma dizia, “para mim o pobre, o doente, aquele que sofre, o abandonado, é a imagem de Cristo [...], por isso devemos ver no doente que bate à nossa porta o próprio Cristo, e assim fazer a eles o que faríamos se Jesus em pessoa viesse nos pedir ajuda ou socorro”.

Sinto-me muito feliz por pertencer ao Instituto Filhas de Maria Serva dos Pobres. Aqui tenho a oportunidade de realizar o anseio de consagração, da vida comunitária, e ajudar aos mais necessitados.

O meu itinerário missionário ao lado do Anjo Bom da Bahia foi um momento de grande satisfação. Para mim, ela é exemplo, escola de amor e de coragem, misericórdia e perdão. Conviver com ela foi uma oportunidade de aprender a renunciar a mim mesma e seguir a Jesus Cristo com toda determinação e ardor. Deixar Cristo viver em nós e tornar-nos “um lápis com que Deus escreve os textos que ele quer ditos no coração das pessoas. Somos um simples instrumento de Deus. Tudo o que fazemos é uma gota d’água no oceano da nossa vida...” (Irmã Dulce).

Considero-me feliz por ter feito parte da vida e do sonho dessa religiosa que soube assumir com amor e destemor a vontade de Deus e deu um novo rosto à cidade de Salvador dando mais dignidade aos empobrecidos e abandonados, sem, contudo, perder a sua identidade de mulher consagrada.

“Se as águas não se encontram, não têm força, não geram vida e apodrecem.”

Dando continuidade à reflexão iniciada em 2010, em Porto Velho, Rondônia, as Diretorias da CRB da Amazônia – Belém, Manaus e Porto Velho –, realizaram, de 12 a 15 de maio último, um novo “Encontro das Águas”, na firme convicção de que as águas precisam se encontrar para formar o rio e realizar sua missão. Os dois primeiros dias foram realizados com superiores maiores e representantes de comunidades.

O local do encontro, a Casa de Retiros Irmão Vicente Cañas, dos jesuítas, inserido no bairro da Cidade de Deus, em Manaus, foi ícone da temática desenvolvida e da experiência vivida. Um verdadeiro paraíso amazônico, com árvores, aves, águas, flores e frutos, um cenário a ser intensamente contemplado. Uma pequena capela construída sobre águas, onde peixes faziam sua ciranda de vida, sinalizava para a mística desse cenário.

Partindo do texto de Ez 47, das águas que brotam do templo e fecundam as árvores às suas margens, fomos compondo o cenário das águas da Amazônia, que brotam das geleiras, são enriquecidas pelas gotas e chuvas, por neblinas e serenos, formando igarapés, braços de rios, corredeiras e cachoeiras, furos e lagos, somando-se a outras águas, vencendo as mais diversas barreiras, desaguando no oceano, na grande festa da vida.

Como as águas que se encontram e geram vida, a Vida Religiosa Consagrada necessita se encontrar para refletir sua missão na Amazônia. Partindo da certeza de que ser missionário na Amazônia, o maior bioma do planeta, é um privilégio, tomamos maior consciência de nossa responsabilidade como Vida Religiosa. Por que e o que significa trabalhar nesta parte do planeta? Qual nossa missão profética neste chão?

Os bispos, em Aparecida, nos convocam a “criar nas Américas [e no mundo] consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade” (*DAp*, n. 475). O papa, em seu discurso aos jovens, denuncia a “devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de seus povos” (*DAp*, n. 85). A nossa responsabilidade como Igreja e como Vida Religiosa Consagrada é gigantesca.

Iluminados e iluminadas pela Palavra de Deus, dispomos-nos a fazer algumas das travessias necessárias. A exemplo dos primeiros discípulos (cf. Mt 4,18-22), fomos chamados(as) à beira das águas e convidados(as) a entrar no banheiro da vida. Muitas resistências nos acompanham e Jesus também nos “obriga” a entrar na barca e atravessar (cf. Mt 14,22). Como não se trata de uma travessia turística, as tempestades (cf. Mt 8,24-27) são inevitáveis. O segredo reside na total confiança no Senhor. Há sempre o desafio da fronteira, do confronto com o diferente (cf. Mt 15,21-28), possibilidades graciosas de se processar a mudança de estruturas e de dinâmicas existenciais.

A realidade das “fronteiras”, tanto geográficas quanto simbólicas, mais uma vez nos desafia. Urge atravessar realidades onde as feridas da história da humanidade e da mãe Terra estão abertas. São feridas socioambientais, religioso-culturais que ameaçam a vida em todas as suas formas. Os grandes projetos econômicos, o tráfico de seres humanos, a violência, o crescente abismo entre ricos e pobres, a destruição do meio ambiente, tudo reclama a presença profética da Vida Religiosa.

O bioma amazônico – constituído do ecossistema da *terra firme*, *várzeas* e *rios* – tornou-se um significativo referencial

teórico para iluminar *nossa missão* e a *leveza Institucional*. Sob a estrela guia da Palavra de Deus, transmitida em At 15, texto que revela o caminho do bem viver os desafios de *fronteiras simbólicas*, buscamos articular os *serviços da missão*. O serviço *Institucional*, caracterizado pela continuidade e estabilidade; o da *Inserção*, feito de encarnação e proximidade; e o serviço de *Itinerância*, marcado pela conectividade e inclusão. Saber bem articular essas três dinâmicas é fonte de *leveza Institucional* e fecunda missão profética.

Três personagens da travessia do Concílio de Jerusalém (cf. At 15) ilustram o ecossistema do bioma amazônico (terra firme, várzea e rio) e apontam para a boa articulação das três dinâmicas da missão:

- Pedro, pedra, a *terra firme*, recorda o serviço *Institucional*.
- Tiago, encarna a imagem da *várzea*, da *Inserção*.
- Paulo, o andarilho, vive a dinâmica do *rio*, é o missionário da *Itinerância*.

Numa leitura teológica *trinitária*, *batismal* e da Vida Consagrada, podemos relacionar a *Terra Firme*, o serviço *Institucional*, com o *Pai*, com a missão batismal da *realeza* e a consagração pela *obediência*. A *Várzea*, a *Inserção*, identifica-se com a missão do *Filho*, a função *sacerdotal* e a *pobreza* evangélica. O *Rio*, a *Itinerância*, sinaliza a presença do *Espírito Santo*, a *profecia* e a *castidade*.

E as águas não podem parar de correr. Fomos provocados(as) a levar em nossas canoas um novo jeito de refletir e viver nossa missão e a leveza institucional. Uma profunda inquietação diante dos desafios da *pan-Amazônia*. A esperança de maior conectividade e projetos comuns. A consciência da necessária articulação entre o agir local e o agir global.

As águas continuam a correr. Ao longo de seu percurso, outras águas se somarão e “haverá vida aonde quer que o rio chegue” (Ez 47,9).

Diretorias da CRB da Região Amazônica,  
a “Região das Águas”.

PEDRO JOSÉ CONTI\*

Desde que cheguei ao Brasil como padre “fidei donum”, no final de 1983, sempre morei na Amazônia. Passei onze anos, como pároco, no maior polo madeireiro do Pará e talvez do mundo inteiro: Paragominas. Toda a economia da cidade girava em função da madeira. Em 1996, fui enviado, como bispo, para o sul do Pará, para a Diocese de Conceição do Araguaia. Lá, quase já não havia mais madeira e a economia se baseava na agropecuária e na agricultura familiar. O forte era a criação de gado, com relativos frigoríficos para o comércio da carne. Portanto, não tenho medo de dizer que, nestes quase trinta anos, já vi muitas mudanças nesta imensa Amazônia.

Desde 2005 estou em Macapá, no estado do Amapá, extremo norte do País, na “esquina” com o rio Amazonas, como dizem por aqui. O Amapá se define, proporcionalmente, como o estado mais preservado do Brasil. Com efeito, existem alguns parques de preservação ambiental. Os mais famosos são o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, o Parque Nacional do Cabo Orange e a Floresta Estadual do Amapá. São vários milhões de hectares preservados. Também existem algumas reservas biológicas e outras áreas de proteção ambiental. Uma maravilha, poderíamos dizer.

Sem dúvida alguma, esses ambientes preservados guardam também imensas riquezas de biodiversidade e de minérios, além de funcionar como os tão badalados “pulmões” do planeta. Essas áreas são ricas também das cobiçadas águas doces. Como não ficar contentes com tudo isso? Encantadoras

\* Bispo de Macapá-  
-AP. **Endereço**  
**do autor:** Rua São  
José, 1790, Caixa  
Postal 52, CEP  
68900-110, Bairro  
Central, Macapá-  
-AP. E-mail:  
dpjconti@terra.  
com.br.



são as imagens das publicações que apresentam o estado e convidam a visitá-lo. Em todos os sentidos, será obrigação dos governantes e da população “salvar” toda esta potencialidade natural, dádiva de Deus, ao menos para quem acredita nele.

Contudo precisamos confrontar esses dados com outros que podem ser também contabilizados. Segundo as informações do Ministério Público, 80% do PIB do estado depende dos chamados “serviços”, que incluem a Administração Pública (federal, estadual e municipal) e o Comércio (Zona de Livre Comércio). 11% do PIB vem da Indústria, que de fato é a mineração (prevalentemente ouro e minérios de ferro). Somente 3% vem da agropecuária. O resto são impostos. Outro detalhe fundamental é que três quartos da população do estado moram nas duas cidades maiores: Macapá, a capital, e Santana, o porto.

As conclusões são óbvias e desafiadoras. Moramos num paraíso natural, preservado, maravilhoso, mas estamos vivendo do emprego público, dos projetos sociais do governo federal (ou estadual) e das aposentadorias. O sonho da juventude é ter um emprego em alguma repartição pública, não importa se, na maioria das vezes, é precário e muda com os humores da política, onde os apadrinhamentos falam mais alto do que a competência e a lisura administrativa.

A impressão que dá é que mais uma vez esta parte da Amazônia está sendo considerada como o quintal onde é possível guardar ou pegar as coisas conforme as necessidades – dos outros, não dos moradores. Difícil enxergar projetos verdadeiros de desenvolvimento sustentável, que suscitem o entusiasmo e o envolvimento das novas gerações. A construção de pequenas hidroelétricas e a exploração dos minérios atraem centenas de famílias, mas a garantia do trabalho é temporária e limitada. As imensas plantações de eucalipto, para extrair a celulose, servem mais para sugar a terra amazônica do que para dar retorno à população, porque o papel é produzido em outras regiões ou em outros países. Não é para maravilhar-se se para muitos jovens se torna atraente o caminho do tráfico e do turismo sexual, incluindo,

infelizmente, crianças e adolescentes. Que tipo de comércio e de visitantes nos trará a construção da ponte internacional sobre o rio Oiapoque entre o Brasil e a Guiana Francesa?

Não sei se o quanto estou escrevendo será considerado ecológica e politicamente correto, mas preservação não pode significar somente ficar olhando as belezas da natureza. Deve poder ser também libertação deste povo das dependências dos políticos, dos favores dos grandes e poderosos, da insegurança de plantar numa terra sem título, da mendicância de um emprego temporário. Como cristãos, devemos acreditar também na ecologia humana. As pessoas educadas não sabem somente destruir e poluir; sabem também preservar e produzir. Precisamos, todos, acreditar mais nas populações da Amazônia; os moradores do paraíso amazônico têm direito também de ser felizes, de ser respeitados na sua dignidade e de contribuir com o seu trabalho e a sua criatividade para o progresso do País.

# A música popular brasileira: da glória ao lixo

329

ARTE E CULTURA

PLUTARCO ALMEIDA, SJ\*

*“E a vida,  
E a vida o que é,  
Diga lá meu irmão!  
[...] É o sopro do Criador  
numa atitude repleta de amor.”  
(Gonzaguinha, O que é, o que é?)*

Nós, os “quarentões”, os “cinquentões”, os “sessentões” e a “velha guarda” em geral, não podemos deixar de lembrar com imensa saudade desses e de outros tantos versos bonitos da música brasileira que cantávamos nos nossos encontros por esse País afora. Embalados por canções como essa reuníamos o povo das comunidades para animar a vida cristã em tempos de crise, mas também em dias de festa.

Em outro número da *Convergência* levantamos a questão do lazer na Vida Religiosa Consagrada e convidamos nossas irmãs e irmãos a não absolutizarem o trabalho pastoral, seja ele qual for, em detrimento do ócio, do descanso e, sobretudo, de uma diversão sadia e construtiva. Sim, porque, faz favor!, não somos apenas “Homo faber”, mas também “Homo ludens”. Longe de nós, porém, levantar aqui a bandeira da ociosidade ou da diversão pela diversão. Assim como a vida não é feita só de trabalho, também não podemos passar o tempo todo descansando ou brincando. Nossa missão, afinal de contas, tem de ser levada adiante, mesmo porque foi este o mandamento que um dia recebemos de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda criatura” (cf. Mt 28,19-20). O equilíbrio entre trabalho e

\* Jesuíta, editor.  
**Blog:** plutarcoalmeida.blogspot.com.br.

lazer é fundamental. Aliás, acreditamos que o exercício cotidiano de buscar e conseguir esse equilíbrio é sinal de maturidade. E não somente entre trabalho e lazer, mas entre trabalho e oração, ação e reflexão, por exemplo, coisa que dificilmente conseguimos, diga-se de passagem!

Mas agora voltemos a falar sobre a música, uma das artes mais belas que o ser humano já criou. A música eleva o espírito, e com o auxílio da sua melodia renovamos muitas vezes a nossa fé, a nossa esperança. A música consola os tristes e reanima os abatidos. Pedimos perdão, louvamos e glorificamos a Deus, rezamos através da música também.

Afinal, quem é que não gosta de música, seja ela de que tipo for? Quem não tem ao menos uma canção preferida? Começamos a gostar de música quando ainda estamos no colo da nossa mãe, embalados por sua doce voz, e passamos a infância brincando ao som das cantigas de roda (embora hoje em dia esse tipo de diversão esteja um tanto quanto em baixa). No tempo da juventude gostamos dos ritmos mais alegres e agitados (o *rock*, talvez...) ou das canções românticas (sempre tem uma ou outra que marca um pouco a nossa história pessoal) e nos identificamos com certos estilos ou gêneros musicais. Mais tarde, a memória será nossa forte aliada, pois, depois de adultos, numa fração de segundos às vezes, chegam ao nosso coração e à nossa boca antigas canções que por algum motivo fizeram parte da nossa caminhada. E saímos por aí a cantarolar, felizes por um instante, identificando-nos maravilhosamente com a música, inebriados por ela.

Não queremos tecer comentários aqui sobre a *pobreza* atual da nossa MPB, a música popular brasileira. E aqui não se trata de uma questão de preconceito ou de saudosismo, não! Se compararmos objetivamente a produção musical dos nossos dias com tudo aquilo que nossos compositores fizeram, por exemplo, nos anos 1950-1980, infelizmente não poderemos chegar a outra conclusão. Vivemos, em termos musicais, um tempo de “vacas magras”, mas tão magras, tão magras, que nem sabemos mais o que de fato pode ser chamado de obra musical. O que hoje toca na mídia realmente

já “tocou” o fundo do poço! Com todo respeito, mas depois do pagode e da avalanche da pseudomúsica sertaneja (ou “breganeja”, como muitos críticos a chamam) instalou-se uma grande crise. Já não se ouve mais Gonzaguinha, Chico Buarque, Gal Costa, Toquinho e Vinícius, Milton Nascimento, Caetano Veloso e tantos outros compositores e cantores cujo repertório contém verdadeiras pérolas do cancionero nacional. Valores o Brasil teve e ainda tem de sobra, é bom ressaltar.

A pessoa liga o rádio e *o que ouve*, afinal? *O que houve* (fazendo aqui um trocadilho) foi um verdadeiro assalto à MPB por parte de grandes grupos nacionais e internacionais que lucram milhões com essa porcaria, me desculpem, que a mídia propaga por todo canto do País. O esquema financeiro-comercial é tão forte e concentra tantos interesses que de uma hora para outra surge, não se sabe de onde, “artistas” e “grupos musicais” para atazanar os nossos pobres ouvidos. A cada momento a TV e o rádio agridem o nosso bom gosto com o que poderíamos chamar de “simulacro musical”, uma verdadeira farsa. Tudo não passa de uma jogada de marketing para tentar convencer os incautos de que se trata de música no genuíno sentido da palavra. O pior é que muitas vezes somos obrigados a digerir esse tipo de obra musical, que, aliás, não deveria nem receber tal título. Por outro lado, a nossa sorte é que, tão rápido quanto chega, também sai de cena sem deixar saudade, graças a Deus!

Bem, mas será que ainda é possível fugir deste mundo hostil? Nossos ouvidos estarão para sempre condenados a escutar/digerir todo este lixo? Certamente não. Em primeiro lugar, precisamos observar que tipo de música estamos escutando no dia a dia em nossas *casas*, religiosas inclusive. É evidente que ninguém pode gostar daquilo que não conhece. Se, por exemplo, nossos(as) noviços(as), junioristas ou simples candidatos e candidatas à Vida Religiosa chegam às nossas comunidades embalados pelo lixo musical das ruas e nós, em vez de lhes oferecermos outras opções, colocamos no DVD ou no toca-CD as mesmas porcarias, o que poderemos esperar? Não estamos falando aqui de nenhum

tipo de imposição. Como diziam os antigos, “gosto não se discute”. Contudo, acrescentamos: gosto não nasce pronto, ele se faz com educação (no caso, musical). Além disso, é certo também que existe o “bom gosto” e o “mau gosto”.

Temos a impressão que, se de alguma maneira não reagirmos, daqui a pouco estaremos todos mergulhados neste mar de lama musical que invade o País. Que pena! A música, a boa e eterna arte musical, poderia salvar-nos de tantos males! Nós, religiosos e religiosas, talvez pudéssemos fazer algo neste sentido, começando a ouvir e a curtir músicas de qualidade em casa, no carro, em qualquer lugar. Deixamos aqui, então, o convite: além de espalharmos a “Boa-Nova” de Jesus, espalhemos também os sons da boa música, aquela que mata as saudades, que alegra a alma, que levanta os ânimos, que renova as esperanças, que aquece os corações e nos aproxima mais de Deus, afinal.

*“Vem, vamos embora”,  
Que esperar não é saber.  
Quem sabe faz a hora,  
Não espera acontecer.”*

*(Geraldo Vandré, Caminhando ou  
Pra não dizer que eu não falei das flores)*

# Como propor a Vida Contemplativa aos jovens de hoje?

333

ARTIGOS

MARTHA LÚCIA RIBEIRO TEIXEIRA, OSB\*

Gostaria de dividir em quatro partes esse artigo sobre o tema proposto:

1ª parte: O chamado na Regra de São Bento.

2ª parte: O que é a Vida Contemplativa hoje.

3ª parte: Como vivemos como contemplativas hoje.

4ª

\* Monja beneditina, abadessa do Mosteiro Nossa Senhora da Paz há treze anos e coordenadora dos mosteiros femininos da Congregação Beneditina do Brasil desde 2005.

**Endereço da autora:** Estrada Mosteiro Nossa Senhora da Paz, 1400, CEP 06888-150, Bairro Potuverá, Itapeceira da Serra-SP.  
E-mail: [abadessa-paz@uol.com.br](mailto:abadessa-paz@uol.com.br).

voz do Senhor a convidar-nos? Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida. (Prólogo da RB, 15-20)

Não é de se estranhar que tudo em nossa vida começa com um convite da parte de Deus, gratuito e de certa forma repleto de mistério. Um belo exemplo dessa afirmação que faço é do Evangelho de São João, quando narra a vocação dos primeiros discípulos:

Os dois discípulos ouviram esta declaração de João e passaram a seguir Jesus. Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?”. Eles responderam: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?”. Ele respondeu: “Vinde e vede!”. Foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia. (Jo 1,37-39)

A vocação do monge e da monja não é outra coisa senão a do cristão batizado, chamado por Deus a “possuir em herança a bênção”, como diz São Pedro (1Pd 3,10-12), ou a “ter a verdadeira e perpétua vida”, como nos diz São Bento (RB, Prólogo 17). Deus chama à vida, depois traça uma linha de conduta para aí chegar.

Numa vida humana hodierna marcada por tantas mortes, pelo efêmero, pelo passageiro, pelo descartável, não é de se estranhar que esse convite gere tanto questionamento ao jovem de hoje, e que chame a atenção para uma realidade totalmente diferente do que se costuma ver no mundo. Quem não quer a felicidade? A verdadeira e perpétua vida? Quem não deseja ouvir esse doce convite?

Como convém a cristãos, a remidos, os monges e as monjas não têm mais olhos e ouvidos senão para a felicidade eterna à qual sabem estar destinados. Hoje, como no tempo de São Bento, não há maior felicidade sobre a terra do que viver nesta esperança.

“Qual é o homem que deseja a vida?” Eis a questão decisiva. Aqui não se pode tratar senão de uma vida mais sublime que a terrena, a verdadeira e eterna vida que é equiparada à paz. Essa paz que almejamos e da qual jamais devemos



abrir mão é uma harmonia interior, reconciliação consigo mesmo, com Deus e com o próximo. Paz significa unidade, ausência de qualquer oposição. Só está apto para a vocação monástica quem busca essa paz.

### *O que é a Vida Contemplativa hoje*

Sempre que criamos definições corremos o risco de empobrecer o conteúdo daquilo que definimos. Também corremos o risco de criar receitas, dicas, o que é mais perigoso ainda, e do que o mundo lá fora está repleto. Basta vermos as manchetes dos jornais e revistas e os inúmeros artigos que nos chegam pela internet.

Portanto, gosto de definir a Vida Contemplativa como uma inesquecível e única aventura de amor. Para viver essa experiência, temos de estar totalmente desarmados, abertos – eu diria, transparentes. Somos sempre marcados por ideias erradas, por imagens distorcidas, por imaginações hollywoodianas, e quando trazemos muitos desses aspectos dentro de nós essa experiência se torna mais difícil.

Aventura, porque Deus é sempre imprevisível, o totalmente Outro, e não vive em uma dimensão meramente humana. Ele é o Surpreendente, o Radical, e quer viver conosco essa radicalidade, essa vida de surpresas e, portanto, de presentes.

De amor, porque ele é Amor, como nos ensina São João em sua Carta (1Jo 4,16). Amor sem reservas e sem medidas. E nos convida a permanecer no seu amor, para também darmos frutos de amor em nossa vida.

Inesquecível e única, porque viver uma vida de maior intimidade com Deus, de maior oração e maior comunhão, na Vida Contemplativa, é fazer a experiência desse Amor que é o próprio Deus.

Num mundo em que cada vez se corre mais, em que cada vez se tem menos tempo, é de chamar a atenção a nossa vida tão regrada pelas horas do dia; pela recitação do canto dos Salmos, na Liturgia do Ofício Divino; pelas entradas

pausadas na igreja, sete vezes por dia; para saborear uma Presença, para fazer subir aos céus um clamor, um pedido, uma ação de graças, uma súplica, um louvor.

A contribuição da Vida Contemplativa ao mundo de hoje e de sempre é a gratuidade e o seu sentido. A beleza e a alegria da gratuidade. A gratuidade não se compra: talvez o mundo secularizado tenha perdido esse bem, perdendo, por conseguinte, a fonte da alegria genuína.

Mas existe também outra mensagem que a Vida Contemplativa oferece ao mundo com sua mera existência: a vida dos monges e monjas, tão simples, aparentemente insignificante, é memória viva daquilo que é essencial para o homem: o amor do Pai, que nos é dado em Jesus, através do Espírito. Podemos viver sem outras coisas, mas não sem esse amor, que é precisamente a condição necessária e suficiente para viver e desfrutar a vida.

Em artigos publicados em revistas monásticas, Dom Abade Joaquim de Arruda Zamith aprofunda o tema. Ele afirma:

Considerando-se, porém, a vida monástica como parte integrante do Mistério mais profundo da Aliança de Deus com os seus escolhidos, não se poderia deixar, primeiramente, de analisar alguns textos do Prólogo da Regra de São Bento, onde a vocação do monge é apresentada à luz daquele mesmo Mistério. Essa apresentação é feita através de duas estruturas literárias que se repetem (formando um paralelismo): a) exortação; b) revelação do caminho dos mandamentos.

### *Primeira estrutura*

a) Inicia-se o Prólogo com uma *exortação* (vv. 1-13) de caráter paternal, dirigida ao possível candidato à vida monástica.

Nos quatro primeiros versículos, de autoria do próprio Bento, o candidato é convidado a ouvir com atenção as palavras do Mestre e preparar-se para praticá-las, pois só assim poderá voltar, pelo caminho da obediência, àquele de quem

se havia afastado. Trata-se, pois, de um chamado para um encontro pessoal com Deus. E o caminho proposto é o da obediência às suas Palavras.

É necessário oração constante, atenção e vigilância para que não se deixe de ouvir o chamado e responder, enquanto o tempo é oportuno e pode ser aproveitado.

b) Num segundo momento (vv. 14-20), é apresentada, de modo realmente belo, a *revelação do caminho* que pode levar até o encontro com o Deus que é Vida e permitirá subir a montanha santa para lá habitar no Tabernáculo do Senhor.

Este caminho é aquele que o próprio Senhor se dignou ensinar através da revelação dos *mandamentos* da sua santa Aliança:<sup>1</sup>

v. 14: o *Senhor*, que procura e rev4 Tc -0.004 Tw [()66.7(.1)66.5(4)-27 Tf -01(h(

# 338

- v. 23: único caminho para poder encontrar e permanecer com o Senhor: “habitar na tenda e descansar na montanha santa”.
- v. 24: o Senhor responde e mostra o caminho para a tenda.
- vv. 25-32: enumeração dos mandamentos.
- vv. 33-39: a conclusão relembra, pela parábola das duas casas, a conclusão do Sermão da Montanha (Mt 7,24-25), que trata da Lei da Nova Aliança. Também se ensina quem é aquele que põe em prática as suas palavras: é o que resiste às tentações, aproveita os dias de trégua para emendar-se e se converte e vive.

Nas três *conclusões no final* do Prólogo (vv. 40-50), fala-se novamente da urgência de aproveitar o tempo para agir de modo a poder ganhar a vida eterna. Buscando certa semelhança com o Sermão da Montanha, exorta-se o monge a não ter medo de entrar pelo caminho estreito (porta estreita em Mt 7,14), pois só este é o que conduz à vida. E o caminho torna-se largo (“inenarrável doçura de amor”) à medida que, com a fé e a perseverança na vida monástica, corre-se pelos caminhos dos mandamentos de Deus. Como se vê, todas essas são imagens do Acontecimento e do Mistério realizado pela Aliança, à qual o monge é chamado a acolher e a viver pessoalmente.<sup>2</sup>

## *Como vivemos como contemplativas hoje*

Dom Gabriel Brasó nos diz, em seu livro *O humilde e nobre serviço do monge*, que

generalizou-se a ideia de que o monge se deve definir pelo que ele é e não pelo que ele faz. No entanto, se nos fosse possível penetrar em todos os mosteiros de monges e monjas para observar como, na realidade incontestável da vida de todos os dias, uns e outras demonstram o que são, talvez ficássemos desconcertados. A partir do que houvéssimos constatado, ser-nos-ia provavelmente impossível formular uma definição suficientemente satisfatória a nós mesmos: deve-se definir o monge pelo que ele é

ainda L'Hour (p. 59): “Os mesmos salmos pertencem também à categoria de ‘Liturgias de entrada’ e como tal são dependentes do formulário da Aliança. Aparece claramente no Sl 15 a tensão entre o mandamento fundamental e as estipulações particulares. O preceito de base está formulado no v. 2 com o auxílio de três palavras-chave: perfeição (tmm), justo (sdq) e verdade (mt), em seguida concretizadas pelas leis particulares dos vv. 3 a 5b (cf. também o Sl 23,3-6)”.

2. ZAMITH, Joaquim de Arruda. *Ensinamentos de um abade*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2005.

ou pelo que deveria ser? Acredito existir uma resposta melhor: o monge se define pelo que todo o seu ser tende a ser.<sup>3</sup>

Se ser monge, então, significa estar disposto a “vir a ser” monge, ser contemplativa significa estar disposta a “vir a ser” contemplativa, como um processo vital, e a progressão, passo a passo, na via que a este termo conduz. Significa manter-se, ativa e passivamente, na atitude de disponibilidade necessária para a ação do Espírito Santo se realizar e conduzir à sua perfeita realização. A parte mais importante desse processo compete, sem dúvida, ao Espírito Santo.

É dele que deriva o carisma da vocação, só ele pode suscitar uma tal caridade, capaz de pôr em jogo todo o dinamismo de uma vida consagrada a Deus. É a este mesmo Espírito que cabe conduzir a contemplativa pelos caminhos mais imprevisíveis, até o termo final desse “vir a ser”.

Daí a importância de o mosteiro ser, como nos define São Bento, uma “escola do serviço do Senhor”. Graças a esta, São Bento pretende, antes de mais nada, ajudar os seus monges e monjas a saberem conservar-se no caminho reto, sempre fiéis ao Espírito, e colaborando devidamente com ele em todo esse processo.

Ser contemplativas hoje é, antes de tudo, colocar-se totalmente nas mãos do Espírito Santo. É ele o artista que opera no coração da monja contemplativa as maravilhas que é o único a conhecer. Da mesma maneira que só ele conhece os caminhos através dos quais deseja conduzir a monja até esse termo. A ação do Espírito é imprevisível, como “o vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai” (Jo 3,8). Daí a extrema importância, para nós, de nos mantermos com firmeza e docilidade na linha do Espírito, sempre disponíveis para receber seu influxo. Isso é que faz que sejamos contemplativas.

Como escreveu uma vez um abade beneditino dos nossos tempos:

O monge traz consigo um certo mistério. Ele é um enigma para quem procura entendê-lo, e até para si mesmo. Nem ele

3. BRASÓ, Gabriel. *O humilde e nobre serviço do monge*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1983.

próprio é capaz de explicar aos outros o que significa realmente “ser monge”. E não deve se admirar. E muito menos querer esvaziar o mistério. Ele foi ferido no seu coração por uma flecha de amor. Alguém o amou e lhe revelou algo que jamais poderá esquecer. Por isso, sua vida cristã não poderá ser estruturada e administrada conforme alguns valores e padrões preestabelecidos. Ela é uma contínua busca, uma incessante corrida contra o tempo, para já viver no Tempo, o momento do Encontro que lhe foi prometido. Desculpemos as suas extravagâncias e excessos (ai dele se não os tiver...) e peçamos, sobretudo, que jamais lhe falte o vento impetuoso do Espírito.<sup>4</sup>

### *Testemunhos e experiências de Vida Contemplativa nas jovens de hoje*

Quando comecei a pensar sobre este artigo, decidi lançar a mesma questão ao Noviciado de nosso mosteiro. São sete irmãs em tempo de formação. Como é peculiar ao jovem de hoje, elas me responderam com espontaneidade, simplicidade e profundidade. Partilho aqui algumas dessas respostas, pois achei interessante sentir como elas vivenciam essa questão em suas vidas.

Penso que para propormos algo para qualquer pessoa, em qualquer faixa etária e mais ainda aos jovens, que vivem em uma constante ansiedade pela busca do novo, daquilo que ainda lhe é desconhecido, que na verdade é ele próprio, é necessário esclarecer primeiramente os tabus que eles podem ter daquela situação, ou estilo de vida; no caso, a vida monástica.

Vendo que a sociedade em um todo, tem seus pré-conceitos, para com a vida religiosa e ainda mais com a vida claustral, com os jovens não poderia ser diferente. Pois todos vivem em cultura de “liberdade”, que na verdade mais os aprisiona a eles mesmos, pensando que tudo podem fazer: como, onde, quando e com quem quiserem... Seja literalmente o que for.

Pensando nessa realidade, é preciso com extrema clareza e fervor, mostrar para o jovem a beleza que é viver em comunidade.

4. ZAMITH,  
*Ensinamentos  
de um abade.*

O que é muito difícil. Pois ele pensará no quanto é complicado viver em sua própria casa, com seu pai, sua mãe e seu(s) irmão(s). Para ele, num primeiro momento, será inimaginável, impossível, viver para sempre em lugar restrito e com as mesmas pessoas; pois ele, de tempos em tempos, está com uma turma diferente, com costumes diferentes, desde roupas até ao modo de falar. Dizer para ele que é necessária uma conversão de seus costumes, e que estes o seguirão por toda a sua vida, é simplesmente um enorme desafio.

O jovem anseia por novos desafios, por alcançar coisas que muitas vezes podem parecer complicadas e inatingíveis, e o porquê disto, muitas vezes, encontra-se no anseio em descobrir – quem sou eu? – para assim se encontrar com Deus, com a essência da sua existência, por mais que ele nem faça ideia desta verdade.

É preciso ensiná-lo como refletir sobre a sua vida, pois os barulhos, a turma, a escola, o trabalho e a infinidade de coisas que o acompanham não permitem que ele reflita. Como todas as pessoas, ele procura a felicidade; então, fazê-lo pensar no que realmente o faz feliz; mas, antes, é preciso que compreenda que a felicidade verdadeira não é um sentimento semelhante aos fugazes momentos de euforia, realizados com a liberação de adrenalina, ao saltar de *bung-jump*, por exemplo.

Mostrar que é possível viver a cada minuto, todos os dias, esta explosão de sentimento, vivendo a radicalidade proposta pelo Cristo. Ele o convida a ser homem e mulher em plenitude, desafiando seu próprio eu para responder, com autenticidade, a um chamado, feito por Ele próprio, para vivermos para sempre com e para Ele; aguçando nossa audição à Sua doce voz, que clama em nosso coração, para prontamente cumprir a Sua vontade, esquecendo-nos de nós mesmos. Eis a grande conquista. A alegria que se esconde nesta realidade pode até ter suas oscilações, mas, na maior parte do tempo, ela se faz presente.

Outro ponto a ser exposto é que ele nunca estará sozinho, pois, Deus o convida para morar em sua própria Casa, onde sempre terá irmãos(ãs), ao seu lado e uma “mãe” ou um “pai”, que será tão acolhedor, ou mais ainda, que seus próprios pais. Ajudando-o em suas dificuldades para que ele cresça, “até chegar à estatura de Cristo”. (*Postulante, 23 anos*)

\*\*\*

Creio que seja mostrando todos os frutos dessa vida! É preciso que os jovens vejam e sintam a paz e a liberdade que há na vida contemplativa. Nossa vida tem um sentido pleno e verdadeiro. Quem é contemplativo deve ser luz e é essa luz que irradia e põe às claras que a felicidade que eles tanto procuram está em viver para Deus, no serviço aos irmãos, honrando e louvando-O a todo momento por todas as coisas criadas por Ele.

Penso que só o nosso “gesto”, nossa reverência para com Deus em cada irmão (no cumprimento mútuo quando entramos na igreja), o sinal da cruz no início de cada Ofício Divino, já mostra a profundidade de um amor a Jesus que faz com que pessoas tão diferentes possam viver juntas, pois o motivo é único e, na realidade, quando estamos reunidas, no coro, por exemplo, é uma só “coisa” que vemos; é como se todas as irmãs fossem uma só!”. (*Noviça de 1º ano, 24 anos*)

\*\*\*

Primeiramente eu preciso ser contemplativa para mostrar aos jovens a beleza da vida contemplativa. Se passarem um dia no mosteiro poderão ver a beleza da vida contemplativa que já se apresenta na *statio* (entradas no Coro para a oração do Ofício Divino), na reverência das irmãs dentro da igreja. Tudo isso é muito maravilhoso e o jovem ali presente já sentirá o impacto da presença de Deus, no canto dos salmos e sentirá no coração uma grande vontade de saber mais; uma grande vontade de ser unicamente de Deus, sem dar importância a mais nada. (*Noviça de 1º ano, 38 anos*)

\*\*\*

Por meio de um testemunho de vida. Um testemunho discreto e ao mesmo tempo ousado, próprio daqueles que se abandonam totalmente ao amor de Deus. Falo a partir do que aconteceu comigo quando tive a oportunidade de me hospedar pela primeira vez, por alguns dias, no mosteiro. Sabia da existência da vida



contemplativa, não carregava comigo nenhum preconceito, mas era um “estilo” de vida que até então não havia me atraído.

Naqueles poucos dias eu não vi nada de “extraordinário”, mas presenciei e experimentei algo do “ordinário” da vida no mosteiro: o convívio com as irmãs na hospedaria (a Madre, a hospedeira...), a Liturgia das Horas, a Eucaristia, um recreio com as irmãs; tudo marcado por pequenos gestos e atitudes discretas de atenção, de cuidado, que hoje reconheço como sendo próprios daqueles que veem no hóspede o próprio Cristo e O servem e O amam na pessoa de quem se aproxima do mosteiro. A seguir, reproduzo as palavras que escrevi à Madre após voltar para casa:

“Estes dias no mosteiro foram muito fortes para mim e eu não consigo parar de pensar em tudo o que vi e ouvi. Eu fiz a experiência de ser ferida. Fui ferida pela beleza, pela ordem, pela harmonia, pela paz, pela verdade, pela bondade, pelo silêncio, pela alegria [...] Fiz a experiência de ser envolvida e atravessada pelo olhar de cada uma e entendi como devem ter se sentido Zaqueu, Madalena, a Samaritana, ao serem olhados por Jesus. O olhar de alguém que me conhece profundamente, mais do que eu mesma porque olha para a verdade do meu ser”.

Tudo isso desencadeou em mim o desejo da entrega total a Cristo, que já estava latente dentro de mim, a ponto de não temer deixar as seguranças que tinha para adentrar em algo totalmente novo: a vida “escondida” atrás dos muros do mosteiro.

Penso que não é preciso uma “propaganda” exaustiva para além destes muros, a fim de atrair os jovens. Neste sentido estou convencida de que Deus cuida de os conduzir até o mosteiro, de proporcionar encontros, circunstâncias favoráveis, pelos caminhos mais variados, misteriosos e perfeitos, como fez conosco.

Plagiando uma frase dita a respeito dos milagres de Lourdes (“Para quem tem fé não é necessário muita – ou nenhuma – explicação, mas para quem não tem fé, nenhuma explicação é suficiente”), penso que assim também acontece ao se “propor” a vida contemplativa: àquele que for chamado e que decidiu no seu coração se entregar totalmente ao Senhor não é necessário muita explicação. É como no primeiro movimento do Concerto para violino e orquestra de Beethoven. Durante cerca de 20 minutos o violino soa solitariamente ou em desencontro com

a orquestra. Finalmente, nos minutos finais, ele é como que arrebatado pela orquestra, totalmente envolvido, embora continue a ser ele mesmo. É assim que acontece, penso, quando encontramos o nosso lugar: é uma vida que nos abraça. (*Noviça de 1º ano, 34 anos*).

\*\*\*

Hoje a sociedade demonstra muitas maneiras de apresentar a vida religiosa, através de encontros, meios de comunicação, internet, que não deixam de ser bons instrumentos. Mas penso que a resposta a esta pergunta vai muito além. Refleti os dois primeiros versículos do livro do profeta Isaías (7,10-11): O Senhor falou a Acaz dizendo: “Pede ao Senhor teu Deus que te faça ver um sinal, quer provenha da profundidade da terra, quer venha das alturas do céu”. E o único sinal que Deus lhe dá é: “Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Emanuel, porque Deus está conosco”.

O que isto significa? Que a maneira mais eficaz de propor a vida contemplativa é com o nosso testemunho, estando abertas à Vontade de Deus, para que Jesus Cristo possa nascer também em nós, numa vida de santidade, e assim chegue a todos os lugares e pessoas mais distantes o amor de Deus.

Foi assim que aconteceu comigo. Eu não conhecia a vida contemplativa e um dia alguém me disse que havia pessoas que deixaram tudo para se unirem intimamente a Jesus Cristo e rezar por todas as pessoas, sem discriminação; foi esse testemunho de amor que me chamou a atenção. Por isso, vivendo uma vida santa, testemunhando o amor, a vida contemplativa chegará a todos os jovens, através das pessoas que sempre estarão em contato conosco e eles serão os nossos membros, nossa boca lá fora, a testemunhar o Senhor e atrair assim os jovens. (*Professa temporária, 38 anos*)

\*\*\*

O jovem de hoje gosta de radicalidade. A vida monástica é radical, se vivida como deve ser, autenticamente. É importante que o jovem a conheça como é realmente: alegre, pessoas felizes,

inteiradas e sintonizadas com os acontecimentos atuais, para que possam doar-se pelas realidades da humanidade. (*Professa temporária, 57 anos*)

\*\*\*

Devemos proporcionar o diálogo que o jovem precisa para aprender o que é a vida contemplativa, ou seja, conversar com o jovem, esclarecer as dúvidas que tem. Mostrar o valor da vida contemplativa na busca de Deus, na vida com Deus, na entrega a Deus de forma total e radical.

Proporcionar ao jovem a oportunidade de viver a experiência monástica no dia a dia. Para que ele possa enxergar o que é preciso ser modelado ou mesmo modificado e lapidado, na própria vida, para que possa deixar espaço para o Cristo e poder sentir que não é ele que vive em si, mas o Cristo que vive nele pouco a pouco, até que seja um só com o Cristo na verdadeira vida que é a eterna.

Deixar transparecer a beleza da vida contemplativa através da própria vida, pela maneira de agir, de ser, de falar e de viver. Deixando transbordar a alegria de uma vida entregue ao serviço de Deus e aos irmãos. Transmitir que a riqueza do amor de Deus se busca através da fé, da humildade, da esperança, da caridade, do amor ao próximo e da união com Deus. Tudo isso se sente e se percebe com a sensibilidade dos olhos da alma e do coração. (*Professa temporária, 36 anos*)

Para concluir, quero usar uma outra imagem para a Vida Contemplativa e que muito me ajuda no dia a dia. Gosto de pensar no mosteiro, na vida comunitária, como um grande orquidário. Quem já visitou um saberá do que eu estou falando. Há uma infinidade de variedades e famílias de orquídeas, cada uma com sua cor, seu perfume, seu modo de ser tratada, seu tempo de floração, umas grandes, outras pequenas etc., mas há algo em comum a todas: são todas orquídeas, e caberá ao orquidófilo conhecer cada uma e dar o tratamento necessário para que ela cresça, desabroche e possa ser em plenitude o que ela foi chamada a ser quando criada pelo Criador.

Como propor a Vida Contemplativa aos jovens de hoje?

Assim é a Vida Contemplativa. Existe algo em si mesma que só quem já contemplou a beleza de uma orquídea e sentiu a suave fragrância que algumas delas exalam poderá entender, apreciar e ser tocado por essa maneira de amar e servir a Jesus na Igreja de Deus.

### ***Bibliografia***

BRASÓ, Gabriel. *O humilde e nobre serviço do monge*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1983.

HERWEGEN, Ildefonso. *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1953.

VOGÜÉ, Adalberto de. O que diz São Bento. Uma leitura da Regra. *Vida Monástica* 25, Abadia de Bellefontaine, publicação "ad instar manuscripti" pela Congregação Beneditina do Brasil, 1995.

ZAMITH, Joaquim de Arruda. *Ensinamentos de um abade*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2005.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Que ideia você tem de Vida Contemplativa?
2. Como você proporia a Vida Contemplativa para o jovem de hoje?
3. Quais os maiores desafios enfrentados quando se busca tal estilo de vida na Igreja?

SALVIO ROMERO, OFMCAP\*

## *Introdução*

Falar sobre o eremitismo cristão é, de certa maneira, voltar às raízes mais profundas da Vida Consagrada, visto que nele podemos enxergar a primeira forma explícita dessa vocação na Igreja. De fato, nos desertos do Egito, Síria e Palestina do século IV, encontraremos uma imensa constelação de homens e mulheres que deixaram tudo para seguir mais de perto o Cristo casto, pobre e obediente. Sozinhos (eremitas) ou em comunidades (cenobitas), longe dos ambientes urbanos, vivendo heroicamente nas mais duras penitências, esses atletas de Cristo se converteram em pedras fundamentais sobre as quais foi erguida a Vida Religiosa, nas suas mais diversas expressões.

Neste presente artigo, abordaremos um tipo específico de vida anacorética. Ao contrário do que normalmente se pensa, o eremitismo comporta uma diversidade de modelos e formas. Encontraremos desde eremitas totalmente isolados no deserto, a exemplo do grande Santo Antão, até eremitas pregadores itinerantes, típicos da Idade Média. Tentaremos demonstrar que sempre houve na história cristã um tipo de eremitismo que, mesmo acentuando a vida de solidão contemplativa, encontrou na ação apostólica ou evangelizadora um transbordamento da própria experiência com Deus.

Sou frade capuchinho há dezoito anos e vivo como eremita desde 2005. Meu eremitério se localiza numa pequena área verde bem ao lado do nosso convento na cidade de Caruaru-PE. Sou, portanto, um eremita urbano e desenvolvo

\* Frei, licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em Teologia pelo Seminário Arquidiocesano de Natal-RN e em Música pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Após uma primeira experiência eremítica em 2000-2001, encontra-se no eremitério desde 2005. **Endereço do autor:** Convento Coração Eucarístico de Jesus, Praça. Dom Vital, 289, CEP 55010-333, Divinópolis, Caruaru-PE. E-mail: freisalvioromero@gmail.com.

uma ação apostólica adequada ao meu estado de vida. Há cinco anos, iniciei uma “escola de meditação” como forma de partilhar os frutos espirituais do eremitério com outras pessoas sedentas de Deus. Atualmente, nossa escola é constituída por cerca de cento e cinquenta meditantes, distribuídos em dez grupos distintos. Tenho constatado que esta ação apostólica não desfigura a minha vocação de eremita, nem subtrai nada de minha vivência espiritual, muito pelo contrário, ela enriquece cada vez mais a minha alma com as experiências, buscas e anseios de outras pessoas que padecem da mesma sede espiritual.

### *Os estilitas*

Este tipo de eremitismo, típico da Síria e encontrado praticamente em todo o Oriente Médio, surgiu nos inícios do século V e se estendeu até o século XII. Sabe-se, no entanto, que até o século XVI ainda se poderia encontrar alguns desses anacoretas no Monte Atos (Grécia).

O estilita (do grego *stylos* = coluna) vivia sobre uma pequena plataforma fixada na extremidade de uma coluna, cuja altura poderia, em alguns casos, passar dos quinze metros. Esse ascetismo trazia consigo um rico sentido simbólico, ressaltado por muitos escritores da época: elevando-se às alturas, o estilita vivia entre o céu e a terra e, portanto, mais perto de Deus. Não é sem razão que esse tipo de anacoretismo atraía tanta gente, que vinha em busca de conselhos, de orientações espirituais e de bênçãos.

Tudo leva a crer que esse tipo de ascetismo, uma excentricidade, sem dúvida, não teve tantos adeptos como ocorreu com outros tipos de vida anacoretica, porém a história nos reservou diversos registros desses homens de Deus. Certamente,

o grande número de documentos relativos ao estilitismo (Vidas de estilitas, testemunhos, menções em numerosas Histórias Eclesiásticas) vem antes do caráter espetacular dessa ascese do que da importância numérica de seus adeptos. Basta um só

estilita numa região para que as multidões se aglomerem, os testemunhos afluam e um autor qualquer – em geral o discípulo do estilita ou o bispo da região – escreva sua Vida.<sup>1</sup>

O primeiro estilita da história cristã foi São Simão, o Velho, que viveu trinta anos sobre uma coluna, nas proximidades de Antioquia, na Síria. Ele morreu no ano de 459, aos setenta anos. Seu estilo de vida atraiu muitos visitantes e peregrinos que vinham em busca de uma palavra de sabedoria, de uma exortação ou de uma bênção. No século VII, outros dois ilustres santos estilitas se tornaram bastante conhecidos: São Simão, o Jovem, e Santo Alípio.

O que queremos destacar neste tipo de vida anacorética é sua estreita relação com a comunidade circundante, uma vez que o estilita vive exclusivamente das esmolas e ofertas deixadas pelos visitantes e peregrinos. Em certo sentido, a solidão contemplativa do estilita é mais difícil do que aquela abraçada pelos que se afastam de todo contato humano. A escolha do estilita “consiste em viver no mundo, em conservar os contatos com a sociedade: o asceta possui discípulos, recebe visitantes, dá conselhos, faz sermões para as massas de peregrinos”.<sup>2</sup> Esses anacoretas nunca se instalavam muito longe das aldeias e cidades, justamente para facilitar o contato com o povo do qual dependia para sobreviver. Temos notícias da existência de um certo Daniel, estilita nas proximidades de Bizâncio, no século V, que atraía a muitos, até mesmo o imperador Leão I e a imperatriz Eudóxia, que iam até ele em busca de seus conselhos e orientações.<sup>3</sup>

### *Eremitas itinerantes e pregadores*

No Ocidente, durante o primeiro milênio da era cristã, prevaleceu um eremitismo ligado diretamente às Ordens Monásticas. Segundo a Regra de São Bento, o eremita era aquele monge que, depois de um longo período de vida comunitária, recebia permissão de seu abade para retirar-se à solidão em busca de uma maior perfeição cristã. Geralmente, esses eremitas passavam a viver em pequenas celas

1. LACARRIÈRE, Jacques. *Padres do Deserto*; homens embriagados de Deus. São Paulo: Loyola, 1996. p. 189.

2. *Ibid.*, p. 171.

3. *Cf. ibid.*, p. 188.

dentro do próprio mosteiro ou nas suas proximidades, e não exerciam nenhuma atividade apostólica junto ao povo. Essa forma de vida era considerada mais elevada e mais perfeita porque os eremitas eram aqueles que,

tendo passado diuturna experiência no mosteiro, aprenderam com o auxílio de muitos a lutar contra o demônio e, treinados nas fileiras de seus irmãos para batalhas singulares do deserto, bastante firmes para dispensarem a companhia de outro, tornaram-se capazes, por meio do socorro de Deus, a sustentarem sós com a sua mão e o seu braço, a luta contra os vícios da carne e do pensamento.<sup>4</sup>

A partir do século X, o eremitismo ocidental passa por um vigoroso renascimento, que, por não estar ligado às Ordens Monásticas, como ocorria tradicionalmente, desenvolveu características bem particulares. De fato,

pessoas leigas ou clérigos seculares começaram a retirar-se ao ermo diretamente, sem passar por um período de formação monástica. Vivendo em bosques e desenvolvendo como melhor podiam sua maneira própria de viver, permaneciam em contato bastante intenso com os pobres (isto é, falando, de modo geral, com sua própria classe), marginalizados, os fora da lei e os itinerantes sempre numerosos na Idade Média.<sup>5</sup>

Ao contrário dos tradicionais eremitas monásticos, esses novos anacoretas se tornaram, com muita frequência, pregadores itinerantes, “uma vez que de fato a pregação havia sido abandonada nas igrejas paroquiais e que os monges não pregavam ao povo mas somente a si mesmos”.<sup>6</sup> Muitos desses eremitas recebiam, dos papas e dos bispos, a confirmação do seu ofício de pregador. Outros saíam de suas celas e, sem nenhum mandato oficial, começavam a pregar, sendo bem aceitos pelo povo. No século XI, esses eremitas pregadores chegaram a exercer grande influência junto ao povo; basta recordarmos da ilustre figura de Pedro, o Eremita, o pregador da primeira Cruzada.

4. Regra de São Bento, cap. I.

5. MERTON, Thomas. *Contem-plação num mundo de ação*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 241.

6. Ibid.



Esse tipo de eremita itinerante e pregador, típico dos séculos XI-XII, preparou o ambiente para o eremitismo franciscano do século XIII. De fato, São Francisco de Assis viveu alternadamente no ermo e no meio do povo, pregando o Evangelho. Ele até escreveu uma pequena “Regra” para os irmãos que quisessem viver nos eremitérios, da qual, mais do que normas ou disciplinas diárias, emana um espírito de santa simplicidade e de amor fraternal que deve impregnar a vida cotidiana dos contemplativos solitários. Para o Pobrezinho de Assis, um eremitério é, de fato, “uma pequena comunidade de três ou quatro irmãos onde alguns vivem em completo silêncio e solidão contemplativa com outros que deles cuidam como suas Mães”.<sup>7</sup> A função dos que faziam o papel de “mães” era cuidar para que nada perturbasse o recolhimento dos demais, seus “filhos”. No entanto, de tempos em tempos os “filhos” deveriam assumir as tarefas ativas de suas “mães” para que estas pudessem também se recolher na solidão.

O eremitismo franciscano é “profundamente evangélico e permanece sempre aberto ao mundo – embora reconhecendo a necessidade de que seja mantido certo distanciamento e certa perspectiva”.<sup>8</sup> A primeira Regra de São Francisco diz que seja sempre conservado um espírito de bondade e de acolhimento fraternal para com todos os que se aproximam dos eremitérios e de outros lugares de moradia.<sup>9</sup> Portanto, a tradição franciscana, herdeira em muitos aspectos do eremitismo não monástico dos séculos XI-XII, não compreende a vida eremítica como afastamento total e definitivo do mundo, pelo contrário, a contemplação se abre ao mundo, dando fruto na ação evangelizadora.

### *Eremitismo russo*

Um outro tipo de eremitismo que me encanta profundamente é aquele praticado por muitos contemplativos cristãos na Rússia, e que foi descrito detalhadamente na obra *Deserto vivo*, escrita por Catherine de Hueck Doherty (1896-1985).<sup>10</sup> É um eremitismo muito parecido com aquele

7. *Ibid.*, p. 242.

8. *Ibid.*, p. 245.

9. “Onde quer que os irmãos estejam nos eremitérios ou em outros lugares, cuidem em não tornar seus quaisquer destes sítios. E seja quem for que deles se aproxime, amigo ou inimigo, ladrão ou assaltante, recebam-no com bondade” (Regra não Bulada, cap. 7).

10. Catherine de Hueck Doherty foi uma baronesa russa exilada na América do Norte por ocasião da Revolução Russa (Comunista) de 1917. Em 1947, ela fundou, no Canadá, uma comunidade de consagrados (Madonna House), na qual introduziu os “poustinias” (palavra russa que significa eremitérios).

descrito anteriormente em virtude de sua abertura ao mundo e de sua forma popular.

Catherine nasceu e cresceu na Rússia no início do século XX, por isso ela é uma testemunha fidedigna da espiritualidade desses ermitões, chamados de “poustiniks”. Em *Deserto vivo*, ela se recorda de um desses anacoretas: “Nos meus tempos de menina, fiquei muito amiga de um ‘poustinik’ ao qual minha mãe costumava ir para orientação espiritual”.<sup>11</sup>

Esse eremitismo russo, segundo nossa autora, era abraçado principalmente por gente simples, solteiros ou viúvos. No entanto, era comum encontrar monges que iam para os “poustinias”, construídos nas proximidades de seus mosteiros. Esses “poustinias” (eremitérios) não passavam de pequenas cabanas, geralmente de madeira, erguidas em lugares ermos não muito longe das aldeias e cidades. A única riqueza que continham era a Sagrada Escritura, sempre lida de joelhos, além de uma cruz e do ícone da Mãe de Deus. Ali, o “poustinik”, numa vida austera e penitente, sempre trabalhava com suas próprias mãos: cultivava uma pequena horta, pescava e cortava lenha para cozinhar e se aquecer durante o inverno.

Queremos salientar aqui essa proximidade que o “poustinik” mantém para com as pessoas. Comparando esses ermitões russos com os antigos eremitas afastados de toda vivência comunitária, Catherine não hesita em dizer:

O nosso “poustinik” parecia mais “disponível”, mais acessível. Todo ele irradiava hospitalidade, como se nunca pudesse sentir-se incomodado pelos visitantes por mais frequentes que fossem. Ele tinha sempre aquela cara de “a casa é sua”! Seus olhos pareciam acender-se mais quando aparecia um hóspede. Era uma pessoa disposta a ouvir. Falava pouco, mas escutava intensamente e compreendia muito.<sup>12</sup>

Uma das mais belas características desses eremitas russos é a sua hospitalidade. O “poustinik” nunca deixava a porta de sua cabana fechada: “[...] ela ficava sempre aberta a todo e qualquer visitante. Na verdade, nunca faltavam visitantes”.<sup>13</sup>

11. DOHERTY, Catherine de Hueck. *Deserto vivo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994. p. 40.

12. *Ibid.*, p. 41.

13. *Ibid.*, p. 54.

Esses homens de Deus se tornavam naturalmente pais espirituais, principalmente do povo simples que buscava uma orientação segura para suas vidas.

Outro aspecto relevante desse tipo de eremitismo é a solidariedade para com os outros. O “poustinik” não hesitava em sair a qualquer momento de sua cabana para ir atender alguém que o convocava: “Quando, por exemplo, algum fazendeiro vizinho precisava de ajuda urgente para recolher o feno, ante ameaça de chuva, corria ao nosso ‘poustinik’ e lá ia ele prestimoso, de rastelo na mão e sorriso nos lábios”.<sup>14</sup>

Os “poustiniks” não deixam de nos impressionar com suas capacidades de conciliar muito bem a vida de solidão contemplativa com a hospitalidade e a solidariedade. Eles se afastam da vida comunitária, buscam o ermo, mas, paradoxalmente, num outro nível, permanecem muito próximos dos seus irmãos e irmãs.

### *Eremitismo no Brasil Colonial*

Na Igreja do Brasil em tempos coloniais, os ermitões tiveram uma notável atuação, sobretudo no século XVIII. Em 1558, o franciscano Frei Pedro Palácios chegava ao atual estado do Espírito Santo para se estabelecer como eremita, trazendo consigo um painel de Nossa Senhora. No alto de um monte fez a sua ermida, que se transformou mais tarde no Santuário de Nossa Senhora da Penha de Vila Velha. Atuou como catequista e evangelizador dos nativos da região e morreu piedosamente em 1570.

Em Minas Gerais, durante o ciclo do ouro, havia uma forte presença de ermitões que animavam a fé do povo simples, muitas vezes desassistido pelos sacerdotes. Num momento em que prevalecia a busca desenfreada pelo ouro e outras riquezas, esses ermitões se colocavam do lado oposto, professando uma vida de grande austeridade e penitência.

O eremitismo no Brasil colonial, apesar de conservar as principais características da tradição anacorética, assumiu feições próprias. O nosso ermitão, via de regra, era

14. Ibid., p. 41.

um *leigo* consagrado a Deus, mediante sua dedicação ao culto ou devoção a um determinado santo. Vivia afastado do bulício dos centros populacionais, desapegado de coisas materiais e entregue ao ascetismo, isto é, a uma existência de sobriedade, pobreza e mortificação, em permanente oração. Não obstante sua preferência pela solidão em lugares ermos, era frequentemente procurado pelo povo que o considerava “santo”.<sup>15</sup>

Outra coisa bem típica desse eremitismo brasileiro é que há uma estreita ligação entre o eremita e a ermida do santo de sua devoção. Muitas dessas ermidas construídas e conservadas por esses ermitães se tornaram grandes santuários populares, como o de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e o de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo-MG. Para promover a devoção à qual estava dedicado, era comum encontrar os ermitães esmolando pelas cidades e vilas, levando consigo uma imagem sagrada, diante da qual o povo se ajoelhava respeitosamente para beijá-la e deixar ali suas ofertas.

Outro aspecto importante é que os ermitães do Brasil colonial estavam profundamente inseridos na estrutura eclesial de então. Eles “se reconhecem explicitamente como representantes da Igreja, apesar de seu ser diferente e, às vezes, em flagrante contraste com a ostentação e ambição do clero e de não poucos religiosos da época”.<sup>16</sup> Através da carta de eremitania, os bispos reconheciam oficialmente a missão do eremita e lhe atribuíam funções específicas.<sup>17</sup>

## Conclusão

Percorrendo rapidamente a história do eremitismo cristão, tivemos a intenção de apresentar um tipo de vida anacorética que, mesmo priorizando a solidão contemplativa, sentiu-se impulsionada a partilhar os frutos da contemplação com os outros membros do Povo de Deus, através de uma ação apostólica condizente com seu estado de vida.

Na minha modesta experiência, tenho constatado que o eremitério tem sido como um oásis no meio do deserto

15. MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história; 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2001. t. I, p. 233.

16. *Ibid.*, p. 234-235.

17. Vale a pena conferir os artigos 626 a 629 das “Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia”, de 1707, que regulamentavam alguns aspectos da vida dos ermitães.

para muitas pessoas sedentas de uma espiritualidade mais profunda. Muita gente não se conforma mais com uma fé superficial que praticamente não atinge suas interioridades. Nos grupos de meditação que acompanho, tenho percebido com alegria o esforço de muitos leigos que desejam mergulhar cada vez mais na dimensão contemplativa da espiritualidade tanto quanto seja possível ao seu estado de vida. É principalmente nesse campo de atuação que o eremita pode exercer seu apostolado de forma extraordinária e singular.

Como eremita capuchinho, inserido num contexto urbano, eu me sinto, de alguma maneira, irmanado com aqueles anacoretas que do alto de suas colunas falavam da parte de Deus, com aqueles eremitas medievais que saíam de suas celas para a pregação itinerante do Evangelho de Cristo, com os “poustiniks” russos que estavam sempre prontos para o acolhimento e a caridade e com aqueles ermitões do nosso Brasil em tempos coloniais que ensinavam ao povo ter um coração devoto e voltado para as coisas de Deus. Como eles, eu também me sinto chamado ao deserto, e como parte integrante desta vocação não posso deixar de partilhar os frutos recolhidos na solidão do ermo com tantos irmãos e irmãs que, na secularidade, buscam a Deus.

Por fim, penso que esse tipo de eremitismo poderia ser uma fonte de renovação espiritual para todos nós. Nossos Institutos se enriqueceriam muito mais com a presença desta vocação, e a evangelização teria um teor mais contemplativo e, por isso mesmo, mais atraente. Deixemos que esses homens e mulheres do deserto nos interpelem a todos nós, consagrados, clérigos ou leigos, e nos motivem a buscar arduamente o silêncio e a solidão contemplativa para que de lá voltemos com nossas faces iluminadas, como Moisés após os encontros com o Senhor, para testemunhar e anunciar que, de fato, o Reino de Deus já chegou.

## ***Bibliografia***

DOHERTY, Catherine de Hueck. *Deserto vivo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LACARRIÈRE, Jacques. *Padres do Deserto; homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 1996.

MATOS, Henrique Cristiano José. Nossa história; 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2001. t. I: Período colonial. (Coleção Igreja na história.)

MERTON, Thomas. Contemplação num mundo de ação. Petrópolis: Vozes, 1994.

***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Você vê na vida eremítica um elemento importante na missão evangelizadora da Igreja?
2. Você concorda com a afirmação de que as “raízes mais profundas da Vida Consagrada” se encontram na vida eremítica?
3. De que modo a vida eremítica poderia colaborar na renovação de nossos institutos de Vida Consagrada?

# Capitalismo, a grande (e intransponível?) fronteira

357

ÉLIO ESTANISLAU GASDA, SJ\*

## Introdução

O que a Vida Religiosa Consagrada tem a ver com esta crise de civilização? A segunda prioridade da CRB para o triênio 2010–2013 nos convida a “avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais”. Na atual crise, o capitalismo e suas periferias, sem dúvida, são *a grande fronteira*.

No Cristianismo, a experiência humana é lugar de encontro com Deus. A experiência marcante de boa parte da humanidade neste início de milênio é o sofrimento e a humilhação. O cristão está chamado a posicionar-se diante da realidade do sofrimento da forma como se posiciona o seu Deus, ou seja, do ponto de vista de quem a sofre. Num contexto como o nosso, onde quase um terço da humanidade sofre sob o jugo dos poderosos, o discipulado-missionário precisa estar articulado com a realidade. A esperança em Deus que ressuscitou Jesus – vítima da violência – está na base da espiritualidade profético-missionária: “Ele foi desprezado e rejeitado pelos outros [...] como alguém de quem os outros escondem sua face” (cf. Is 53,3). Na cruz de Jesus, a imagem de Deus alcança sua máxima expressão. A cruz não somente nos coloca diante do sofrimento e da maldade humana, mas manifesta a resposta divina ante essa realidade. Sofrimento e humilhação são chaves de leitura privilegiada para refletir sobre a situação atual. A rejeição ao sofrimento,

\* Sacerdote jesuíta, doutor em Teologia pela Universidade de Comillas (Madrid), professor da Faculdade de Teologia dos Jesuítas (FAJE) em Belo Horizonte-MG e membro da Equipe de Reflexão Teológica (ERT) da CRB Nacional. **Endereço do autor:** Rua Roberto Lucio Aroeira, 318, CEP 31710-570, Bairro Itapoã, Belo Horizonte-MG. E-mail: gasdasj@hotmail.com.

1. Segundo a OIT, globalmente, cerca de 1,5 bilhão de trabalhadores ocupam empregos vulneráveis, mal pagos e com pouca ou nenhuma proteção social. Além disso, 730 milhões de trabalhadores, ou 20,7% da mão de obra global, vivem com suas famílias no limite da extrema pobreza com US\$ 1,25 por dia. Isso representa quarenta milhões de pessoas a mais. Cf. *Tendências do Emprego Global 2011*. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>. Acesso em: 17 mar. 2011.

2. O poder dos *lobbies* no Congresso Nacional brasileiro em número de parlamentares: empresarial: 273; agronegócio: 160; meios de comunicação: 60. Cf. Para quem trabalha o Congresso. Revista *IstoÉ*, São Paulo, n. 2159, p. 42-48, 30 mar. 2011.

ao fracasso e à humilhação é uma das características mais fortes do nosso tempo. Nossa sociedade alcançou níveis críticos de egoísmo e indiferença para com o outro. Uma crise de humanidade, mais profunda que qualquer crise econômica ou política. Crise estrutural e de civilização.

Se por um lado as crises do capitalismo são cíclicas e intermitentes, a atual crise de humanidade é crônica. Os “especialistas” encaram as crises como eventos normais da economia, cujo crescimento alterna tempos de expansão e de contração. As crises servem para aperfeiçoar e corrigir o sistema. É o avanço, defendem os analistas midiáticos ocupados em dizer o que os bancos precisam que eles digam. Turbulências passageiras e inevitáveis, como tempestades de verão. No entanto, a realidade é bem outra. O momento crítico vivido pela economia é apenas a ponta do *iceberg* de uma crise estrutural em que o sistema financeiro é seu *calcanhar de Aquiles*.

Impotentes, assistimos ao alastramento de um processo de destruição inédito na história. Por não ter limites para sua expansão, o capitalismo gera consequências perversas para a vida no planeta. Há uma intensificação do seu caráter agressivo: precarização do mundo do trabalho, barbárie social, devastação ambiental. Indicadores ecossociais contrastam com índices macroeconômicos. O PIB, o consumo privado, os investimentos, o comércio internacional, o mercado de ações, estão em visível recuperação dos níveis pré-crise. As vitórias dos bancos e corporações são derrotas para a civilização, um verdadeiro tormento para os pobres.<sup>1</sup>

### *Trabalho promíscuo*

Assistimos a *lobbies* se apoderarem da política, financiando campanhas eleitorais, corroendo a democracia.<sup>2</sup> Grandes corporações controlam os poderes constituídos (Legislativo, Executivo e Judiciário), compram a opinião da mídia e manipulam o pensamento econômico. *Inside Job* [*Trabalho promíscuo*], filme ganhador do Oscar de Documentário 2011, retrata essa perversidade. Com seu troféu nas mãos,



o diretor Charles Ferguson desabafou: “Três anos depois de nossa terrível crise financeira causada por fraude, nem mesmo um único executivo financeiro foi para a cadeia. O setor financeiro se tornou tão poderoso que inibe o funcionamento normal da Justiça e da Lei”.<sup>3</sup> Após todas as cúpulas do G-20 sobre o assunto, nada aconteceu. De fato, no capitalismo a melhor coisa do mundo é apoderar-se do dinheiro alheio: *other's people money*.

### “No, we can’t” [“Nós não podemos”]

Nada aconteceu e, provavelmente, nada acontecerá. A margem de manobra da ação política foi reduzida à tarefa de executor servil dos ditames impostos pelo princípio da acumulação e a necessidade de expansão do capital, travestidos de “interesse nacional”. É reveladora a ascensão meteórica dos *managers* do sistema financeiro aos mais elevados postos do poder Executivo. A política, transformada em instrumento de grosseira manipulação.<sup>4</sup> Os grandes bancos foram resgatados da crise praticamente de graça, seus balanços voltaram a registrar lucros bilionários e seus executivos continuam recebendo bônus milionários: soltos, ricos e premiados, aplaudindo o corte das despesas públicas. Os problemas sociais não são solucionados, mas apenas adiados ou transferidos a outros planos.

Barack Obama é o símbolo de uma sociedade impotente contra o poder do capital. O capitalismo transformou sua república em uma oligarquia, e a “terra das oportunidades” tornou-se canteiro das desigualdades. O aumento da renda dos EUA concentra-se no 1% mais rico da população.<sup>5</sup> Guantánamo continua aberta, a reforma do sistema de saúde está suspensa, a lei de imigração foi substituída por selvagens leis estaduais. Prêmio Nobel da Paz, Obama aumentou o orçamento da Defesa e declarou guerra a Khadafi em território brasileiro. A indústria armamentista é a melhor maneira de evitar a guerra. Não há notícias do “Yes, we can”. Os políticos mais bem intencionados acabam presos a uma maquinaria que os devora.

3. A promiscuidade nos Estados Unidos entre bancos, governo e universidades é um fato. Universitários que servem a bancos e empresas financeiras vão para o governo, enriquecem nesse trajeto, não pagam impostos, escrevem pareceres milionários para governos induzindo a adotarem políticas que favoreçam o sistema financeiro internacional. Quando são demitidos das instituições financeiras, partem com indenizações milionárias.

4. Nos EUA, esta lógica apoia-se em uma relação promíscua entre a Casa Branca e Wall Street. Barack Obama está cercado de assessores ligados ao sistema financeiro e ao complexo industrial-militar, vilões da crise: Timothy Geithner (secretário do Tesouro) e Larry Summers (chefê do Conselho Econômico). Ontem *gângsteres de*

## 360

*Wall Street*, hoje secretários de Estado da maior potência mundial.

5. Uma recuperação no capital financeiro ajudou as fileiras dos milionários do mundo a crescerem 17%, para dez milhões de pessoas, enquanto a riqueza coletiva deles aumentou 19%, para US\$ 39 trilhões, quase recuperando as perdas decorrentes da crise financeira. Os EUA, núcleo da crise, foram o país que teve mais milionários em 2009, 2,87 milhões de pessoas, seguido pelo Japão (1,65 milhões de milionários). Os valores das ações subiram 50%, recuperando a maioria das perdas sofridas em 2008. A Suíça é o país com a maior concentração de milionários, segundo a pesquisa: quase 35 para cada mil adultos. Cf. *Relatório sobre riqueza mundial da Merrill Lynch-Capgemini*. Disponível em: <<http://www.capgemini.com/services-and-solutions/>

## Shadow banking [bancos da sombra], crimes contra a humanidade

O capitalismo sustenta uma máquina de pilhagem de miseráveis com a cumplicidade do sistema bancário mundial. Os bilhões que são roubados dos países pobres seguem a rota dos *shadow banking* [bancos da sombra]. Ali, ditadores reciclam seu dinheiro empapado com o sangue do seu povo. Fortunas depositadas e transformadas em investimento em Londres, Paris, Nova York ou Dubai. Cada ano, entre 20 e 20 bilhões de dólares saem ilegalmente dos países pobres rumo aos *shadow banking*.<sup>6</sup> Jean Ziegler, atual vice-presidente de Direitos Humanos da ONU, estima que dos 905 bilhões do dinheiro estrangeiro depositado na Suíça, 280 bilhões provêm de países da Ásia, América Latina e África.

Cúmplices deste crime contra a humanidade, a Alemanha e o Japão não ratificaram a Convenção da ONU contra a Corrupção (Convenção de Mérida). Apenas 100 milhões de dólares por ano possibilitariam o tratamento de 600 mil soropositivos. Espera-se que as revoltas no mundo árabe comecem a mudar as coisas.<sup>7</sup>

Tiranos perpetuam-se no poder com a cumplicidade das democracias ocidentais. Ao aceitar esse dinheiro, os bancos permitem que esses regimes paguem a seus amigos políticos, fraudem eleições e aterrorizem suas populações indefesas. O dinheiro sujo pode proceder de um bordel que explora crianças, da cocaína, ou do sangue de povos massacrados por ditaduras, e fica “limpo” no mesmo lugar: os bancos. “O sistema internacional de poder faz com que a riqueza siga sendo alimentada pela pobreza alheia” (Eduardo Galeano). São *dólares de sangue*. Da mesma forma que se criaram instituições e procedimentos para julgar os crimes políticos contra a humanidade, é hora de fazer o mesmo com os crimes econômicos.

## *Turbocapitalismo*

Nunca como hoje o chamado “vil metal” foi tão decisivo para o futuro do planeta. A absorção de todas as dimensões da vida humana em uma economia de mercado subordinada

ao capital financeiro nos inseriu na era do turbocapitalismo.<sup>8</sup> O capital exerce formas de controle total não somente sobre a atividade produtiva, mas sobre a vida como um todo. O capitalismo do novo milênio é o capitalismo financeiro,<sup>9</sup> cognitivo, menos apoiado na indústria e mais no consumo.<sup>10</sup> Nele, os mercados controlam todos os processos da atividade produtiva, a inovação do conhecimento, a produção, a distribuição, o consumo. A razão, a cultura, os afetos, a informação, os desejos etc. estão sob controle do poder do capital. Neste turbocapitalismo, em que o mercado governa a vida, o capital impõe-se como fonte de sentido, e a vida, uma mercadoria.

### Princípio da acumulação ilimitada

Principal característica do turbocapitalismo, este princípio consiste em perpetuar o capital com a única finalidade de engordar o próprio capital, que, encorpado, será novamente reinvestido para engordar ainda mais o capital, que será novamente reinvestido... um círculo infernal. Os bens acumulados não têm interesse em si (terras, imóveis, moeda, ouro, tecnologia etc.), mas estão em função do acúmulo de mais e mais capital e de novos investimentos. A obsessão da acumulação ilimitada contaminou todos os âmbitos da economia. O capitalismo somente aceita outras normas quando lhe são fechadas as vias diretas da acumulação.

Também o trabalho está sob seu domínio. O trabalho assalariado está no centro do sistema. A parte da população que não possui capital extrai rendimentos da venda de sua força de trabalho. Para sobreviver, depende das decisões dos proprietários do capital. Portanto, o capitalismo supõe certa parcela de submissão voluntária. Os trabalhadores, ao perderem a possibilidade de levar uma vida fora desta subordinação, acabam seduzidos pelo mesmo princípio da acumulação, favorecido pelo acesso ao consumo.

### Capitalismo: ditadura do capital

Capital e capitalismo são fenômenos distintos.<sup>11</sup> “Capital” é uma categoria histórica dinâmica. Existe o capital

by-industry/  
financial-services/  
solutions/wealth/  
worldwealthre-  
port/>. Acesso em:  
25 mar. 2011.

6. Cf. Fonte: Revista de gestão de ativos *My Private Banking*. Fortuna roubada e depositada em bancos ocidentais, calculada em dólares: Muammar Kadhafi (Líbia): 150 bilhões; Hosni Mubarak (Egito): 70 bilhões; Ali Ben (Tunísia): 5 bilhões; Ferdinand Marcos (Filipinas): 10 bilhões; Jean-Claude Duvalier-*Baby Doc*, (Haiti): 200 milhões; Sanu Abacha (Nigéria): 2,2 bilhões; Um-ssa Mu-Traoré (Mali): 2,4 bilhões; Joseph Mobutu (Congo): 10 bilhões; Augusto Pinochet (Chile): 20 milhões; Omar Bongo (Gabão): 39 propriedades na França, setenta contas bancárias e nove carros de luxo.

7. A revolta na Líbia contra Muammar Khadafi demonstra o absurdo de como o sistema financeiro internacional, cujo coração está nas

## 362

grandes democracias do Ocidente, desempenha um papel fundamental na proteção dos fundos de ditadores assassinos. Em 2003, Khadafi se reconciliou com o Ocidente abrindo as portas do seu capital, dos seus bancos, de suas empresas... e da ONU. Khadafi criou um fundo de investimentos (LIA – Líbia Investment Authority), com sede em Trípoli e em Londres, e moveu entre 65 e 75 bilhões de dólares. O Tesouro americano bloqueou até o momento 32 bilhões de euros. A LIA investiu seu capital em grandes empresas italianas, como a FIAT, e empresas de informática na França e Grã-Bretanha. A LIA é controlada inteiramente por Seif al Islam, filho de Khadafi. A fortuna escondida no exterior está calculada em 14 bilhões de dólares.

8. LUTTWAK, Edward. *Turbocapitalismo. Perdedores e ganhadores na*

mercantil, monetário, industrial, financeiro. O sistema denominado capitalismo surgiu apoiado no capital industrial. Na mesma linha, o conceito “produção de mercadorias” não pode ser confundido com “produção capitalista de mercadorias”. Existem formas pré-capitalistas e não capitalistas tanto do capital quanto de produção. O capitalismo é uma das formas possíveis da realização do capital, que tem pouco mais de trezentos anos.<sup>12</sup> Cogitar o uso não capitalista do capital e uma produção não capitalista não é nenhuma alucinação.

Pois bem, o capitalismo é um sistema em que o capital deixou de ser simplesmente uma “entidade material” passível de ser controlada. Ao contrário, não só está fora de controle, mas exerce o controle. Por isso o capitalismo é a mais poderosa estrutura de controle à qual tudo o mais, mesmo os humanos, deve se ajustar, ou perecer, caso não se adapte. Não se pode imaginar um sistema de controle mais totalitário sobre a vida que o capitalismo em sua versão 2.0. A implacável ditadura do capital submete a seus imperativos a saúde, a educação, a comunicação, a arte, a religião. É cinismo grosseiro, ou ingenuidade, acreditar que ele seja democrático, defensor das liberdades e promotor da igualdade. A tese de que a expansão da economia de livre mercado gradualmente levará à democracia política não passa de fantasia. Se não há livre opção econômica, tampouco haverá livre opção política.

### Capitalismo verde?

A adoção global *do estilo USA* de alto consumo vai se alastrando rapidamente, antecipando o esgotamento dos recursos ecológicos antes das previsões mais pessimistas. É o que temos: um sistema disfarçado de “interesse ecológico”.<sup>13</sup> Há quinze anos a ecologia era solenemente ignorada ou tratada como irrelevante, agora é desfigurada para impressionar as pessoas com ameaças ecológicas, desviando o foco do fundamental. O capitalismo trata da ecologia a seu modo, manipulando. O problema do esgotamento dos recursos naturais é real desde a Revolução Industrial. Contudo, nada

foi feito. Lançar a responsabilidade para a sociedade e dizer que “desta vez o crescimento será controlado, sustentável etc.” é falácia. Enquanto a sociedade continua acreditando no discurso fácil de que o capitalismo é sustentável, os problemas se acumulam e as contradições se tornam cada vez mais ameaçadoras.

O crescimento do capitalismo como um sistema mundial desintegra as estruturas tradicionais de organização social, estilos de vida e de comportamento sustentável. O controle sobre a estrutura social é transferida ao capital, mantendo a sociedade e o meio ambiente como refém. Reféns de um capital insaciável, cujo poder está longe de esgotar-se. A consciência dos seus limites tem estado ausente da sua história, não apenas agora. Tais limites coincidem com os limites do planeta. A apatia social diante desta crise de civilização é deprimente. Então, o que faz as pessoas aceitarem o capitalismo? O que justifica o engajamento no capitalismo?

### Um sistema sedutor

Quando o capital mantém tudo sob controle, o revezamento das siglas partidárias no exercício da governabilidade é irrelevante. Na maioria dos países latino-americanos, a chamada *esquerda* tem saído vitoriosa das urnas em uma sociedade empapada da cultura do capitalismo. Como administrá-la é desafio de cada governo. O neoliberalismo perdeu politicamente, mas venceu culturalmente.

A motivação salarial seria suficientemente atraente? Para seduzir as pessoas na cultura da acumulação, o capitalismo oferece perspectivas estimulantes, segurança e uma pequena dose de ética: proteção da família, educação dos filhos, bairros decentes etc. Em suma: gotas em termos de justiça e de vida digna.

Para manter seu poder de mobilização, o capitalismo busca sustentação nas crenças e nas ideologias. Suas “motivações éticas” estão impregnadas de tradições culturais que, na maioria das vezes, diferem de seus objetivos. No início, apoiou-se em uma nova relação ética de fundo religioso

*economia globalizada*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

9. Enquanto o PIB mundial alcançou quase US\$ 55 trilhões em 2007, o volume negociado no sistema financeiro mundial chegou a US\$ 600 trilhões.

10. O crescimento econômico brasileiro deve levar o consumo de energia elétrica no Brasil a crescer até 69%, justifica a meta de injetar 71,3 GW novos no sistema entre 2009 e 2020. Cf. Fundação Getúlio Vargas.

11. Karl Marx chamou seu primeiro trabalho de *O capital*, não de “Capitalismo”. O título do primeiro volume desta obra monumental chama-se “O processo de produção do capital”, não “O processo de produção capitalista”.

12. Outra variante, por exemplo, foi a experiência fracassada da ex-URSS. Embora tivesse uma configuração distinta, foi incapaz de romper

a subordinação da sociedade ao capital. A ex-URSS manteve-o intacto.

13. Do corte de R\$ 50 bilhões no orçamento de 2011, o Ministério do Meio Ambiente, que já tem o menor orçamento entre todos os ministérios, recebeu uma tesourada de quase 40%: foi de R\$ 1.078.490 para R\$ 680.335. As operações de combate ao desmatamento do Meio Ambiente e o cumprimento das metas brasileiras de redução de emissões de CO2 estão seriamente comprometidas.

14. Cf. SMITH, Adam. *Investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações*. Curitiba: Juruá, 2006.

15. SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. São Paulo: Lacerda, 1999.

entre o homem e seu trabalho. A partir do momento em que o trabalho caracterizou-se como vocação, como ensinava a teologia da Reforma (Max Weber), passou-se a valorizar as atividades lucrativas. Contudo, há o fator social. As mesmas foram valorizadas por causa das vantagens sociopolíticas, como um bem comum para a sociedade. Em suma: são quatro os pilares da sedução do capitalismo: progresso material, eficiência na satisfação das necessidades, modo de organização social favorável ao exercício das liberdades e compatibilidade com o Estado democrático.

### Vícios capitais, benefícios públicos

Com a irrupção do capitalismo, as ciências econômicas e a ética trilharam caminhos opostos. A economia rege-se unicamente pelas categorias de eficácia e produtividade. Adam Smith (1723-1790), um dos pais do capitalismo, ensinava que o lucro deveria ser o motor da atividade econômica, deixando que uma mão invisível harmonizasse o conjunto dos diversos egoísmos na busca do bem comum.<sup>14</sup> “O desenvolvimento econômico tem lugar quando se realiza de acordo com suas leis específicas e não obedecendo a princípios da teologia cristã ou muçulmana.”<sup>15</sup> É um sistema econômico que tem sua finalidade em si mesmo (a acumulação do capital). Antes do capitalismo, o econômico estava subordinado à ética e à política. Agora, os agentes econômicos buscam assessoria junto aos “especialistas” no sistema financeiro, nas tendências do mercado, no marketing. *A fábula das abelhas* de Mandeville retrata esta opção: na *colmeia*, a boa sociedade se realiza quando a busca do interesse individual serve ao interesse geral. Tudo o que é benéfico ao indivíduo é bom para todos, o lucro de um favorece a todos. Logo, o crescimento da riqueza, seja qual for seu beneficiário, favorece o bem comum.

A busca de novas rotas para a acumulação é uma forma de sedução que leva a superar os efeitos da saturação da concorrência e dos mercados. Para o capitalismo perpetuar-se, a sedução deve ser constante. Atualmente, certos discursos de gestão empresarial, misturando conceitos gerais desprovidos de conteúdo, constituem a forma na qual a cultura capitalista

é oferecida como algo positivo. Seduzir executivos e gestores cuja adesão é vital para a competitividade das empresas. A tônica recai menos sobre o indivíduo e mais sobre a organização. De modo que este sistema tornou-se não só aceitável, mas desejável como “o melhor dos sistemas”. Não se entende o êxito do capitalismo sem esses aspectos de fundo.

### ***Anticapitalismo: tão antigo quanto o capitalismo***

Como uma sombra, a crítica sempre acompanhou o capitalismo. É um sistema que necessita de acusadores e de insatisfeitos. A formulação da crítica brota de uma experiência desagradável, seja ela individual, seja coletiva. Sem essa indignação primeira não há crítica. O trabalho dos críticos consiste em traduzi-la e dar-lhe voz.<sup>16</sup> A história subsequente aos acontecimentos de *Maió de 1968* mostra o efeito paradoxal da crítica. Embora não se trate de uma revolução no sentido de tomada do poder político, mostra como a assimilação de parte da crítica contribui para desarmar os adversários. Pois bem, o capitalismo incorporou uma parte da contestação, desarmou a crítica e retomou a iniciativa com mais força e dinamismo. Nesse caso, a própria crítica atuou como fator de reforma e deu novo impulso ao sistema.

A crítica pode ter diversos impactos no sistema: reformular as práticas vigentes; buscar novas justificativas em termos de justiça e de igualdade social; incorporar parte dos valores em nome dos quais é criticado. O preço que os críticos pagam por terem sido parcialmente ouvidos é constatar que algum aspecto de sua queixa foi posto a serviço do capitalismo. Paradoxalmente, justamente naqueles períodos em que o capitalismo parece triunfante, acaba dando mostras de uma fragilidade que se revela quando seus adversários reais estão muito fragilizados.

### **Brasil, a crítica na encruzilhada**

É o caso do Brasil. Em 2010, o número de bilionários brasileiros cresceu de dezoito para trinta (67%). Dos novos

16. A indignação pode ter diversas origens: desencanto geral, falta de liberdade e autonomia, a miséria e as desigualdades, oportunismo e egoísmo, que favorecem unicamente os interesses privados.

## 366

17. Cf. Revista *Forbes* de 10 mar. 2011. Com Lula, os bancos tiveram lucro recorde de R\$ 199 bilhões.

18. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), entre 2002 e 2009 a renda dos brasileiros mais pobres subiu 69,1%, a renda de pessoas sem nenhuma escolaridade subiu 53,5%, a dos negros 48% e a do Nordeste 41,8%.

19. Os usineiros já receberam mais de R\$ 28 bilhões do **BNDES**. O capital industrial recebeu volumosos aportes. O agronegócio, as finanças, a grande indústria e as oligarquias continuam sendo os que mais ganham com esta forma de intervenção do Estado na economia. A Vale teve um lucro de R\$ 30 bilhões em 2010.

20. Hoje nenhuma lavoura de milho geneticamente modificado pode ser plantada a menos de dez quilômetros da

doze bilionários, oito são banqueiros. Juntos, os trinta brasileiros mais ricos contam com uma fortuna de US\$ 131,4 bilhões, mais que o triplo do PIB uruguaio.<sup>17</sup> Por outro lado, quase trinta milhões de pessoas ascenderam socialmente, melhoraram sua renda e passaram a consumir mais.<sup>18</sup> Tendo o Estado como o principal indutor desse *boom* econômico, o PIB atingiu a incrível marca de 7,5% em 2010. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é a *alavanca* do capitalismo no Brasil. O Banco está transformando empresas nacionais em empresas globais competitivas. Segundo maior banco de desenvolvimento do mundo, agencia grandes projetos, como as usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, e a transposição do rio São Francisco. Financia, sem complexos, a poderosa Vale. O discurso do desenvolvimentismo e de geração de emprego justifica tal prioridade aos grandes projetos. Tributário de um padrão de desenvolvimento apoiado em matrizes energéticas poluidoras (petróleo) e devastadoras do meio ambiente (hidrelétricas), esse modelo favorece o grande capital.<sup>19</sup>

Além da polêmica em torno das grandes obras de infraestrutura, há o problema do projeto de reforma do Código Florestal, que prevê a redução em quase 90% da distância mínima exigida entre plantações de milho transgênico e os parques florestais.<sup>20</sup> Mais de 70% dos alimentos que chegam à nossa mesa vêm da agricultura familiar. Não obstante, a pressão do agronegócio para aumentar as fronteiras agrícolas é enorme. Apenas dez empresas (como Cargill, Bunge, Louis Dreyfus) dominam o mercado de alimentos e controlam os setores de sementes, fertilizantes e transgênicos, no atacado e no varejo.<sup>21</sup> O Brasil, maior produtor e exportador de etanol, quer ser também o *maior produtor de transgênicos do mundo*.

Diante desta realidade, chamar a atenção para a parcela perdedora da sociedade brasileira é tarefa inglória, mesmo que haja motivos de sobra. Na mesma semana em que a revista *Forbes* apontou os bilionários brasileiros, a revista inglesa *THE* (Times Higher Education) publicou a lista das



cem melhores universidades do mundo. O Brasil não ficou sequer entre as duzentas. A China teve incluídas cinco instituições. Não obstante o abismal déficit educacional, a primeira medida do novo governo na área social foi pedir uma nova definição da *linha da pobreza*, onde o único critério é o da renda *per capita* da família. Em um contexto em que a justiça social está subordinada à lógica econômica, o reajuste do benefício do Programa Bolsa Família foi possível com *cortes em áreas* sociais. Cerca de R\$ 340 milhões destinados a programas de combate ao trabalho infantil e à violência sexual contra crianças e adolescentes foram remanejados para o Programa Bolsa Família. Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), pelo menos 25 mil pessoas entram anualmente no ciclo da escravidão, somente na Amazônia. Fiscais do trabalho hoje falam em quarenta a cem mil pessoas, para o conjunto do país. “A Política Social é uma frágil ambulância que vai recolhendo os mortos e feridos que a política econômica vai produzindo” (Bernardo Kliksberg).

O Brasil é uma prova de que o capitalismo não admite rupturas, mas continuidade sem radicalismo. O capital rejeita medidas mais contundentes, como o imposto sobre grandes fortunas, a redução da jornada de trabalho semanal, reforma agrária. Quais são as possibilidades de ver a crítica recobrar a força e traçar limites quando sequer há debate? A partir da década de 1990, o capitalismo viu-se sozinho, hegemônico, sem contra-alternativas à altura. Os movimentos que vão pipocando em diferentes partes da periferia – “antissistêmicos”, ambientalistas, islâmicos – são frágeis, não fazem tremer suas bases.

Esse vazio de ideias resultou na tradução da indignação em ações solidárias para atenuar as vítimas do flagelo, limpar as feridas dos *lázaros deixados às portas* da sociedade dos opulentos. A miséria foi despolitizada, os *lázaros* não são exploráveis, foram despolitizados. Qual a razão moral para *incluí-los na estrutura*? Porque *intensificar a opção pelos empobrecidos* (prioridade 2)? Qual a *causa dos empobrecidos* para que ela possa *ser assumida como nossa* (Horizonte da CRB)? A

divisa dos parques nacionais e reservas biológicas. Com a nova norma, o plantio seria permitido a mil e duzentos metros.

21. De acordo com a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), o grupo controla o armazenamento de grãos do País e ainda condiciona o financiamento da produção e pesquisa, além da aquisição das plantações, à venda dos fertilizantes e defensivos agrícolas, segmentos que também dominam. O grupo restrito concentra nada menos do que 67% das marcas registradas de sementes e 89% dos agroquímicos. Responsáveis por pouco mais de 7% de tudo o que o Brasil exportou no ano passado, as quatro empresas figuram na lista dos quatorze maiores exportadores do País: Bunge, Cargill, Louis Dreyfus e ADM. As maiores redes de supermercados – Wal-Mart,

retomada da crítica leva à formação de novas pautas com as quais é preciso compor e, talvez, incorporar.

### Uma fronteira comum, uma questão fundamental

O fracasso da social-democracia em controlar a natureza expansionista do capitalismo é uma prova de que uma sociedade sob o domínio do capital termina sempre por legitimar suas demandas. O fascínio da acumulação ganhou grande impulso com a globalização. Sedutora, seu poder de expansão é impressionante. Quanto mais aumentam a competitividade e a concorrência, mais nefastas são suas consequências, das quais duas são particularmente graves: a precarização da força humana de trabalho e a degradação do meio ambiente. Expansionista e destrutiva, a globalização está levando a uma crise endêmica de civilização. Crônica e cada vez mais profunda, perigos estalam aqui e acolá, no Ocidente, no Oriente, no norte e no sul.

Tudo se torna mais complicado pela inviabilidade de soluções parciais diante da gravidade da crise. Assim, “nenhuma causa única” pode, realisticamente, ser considerada a “a única causa”. Enfrentar “causas parciais” com esperança de êxito supõe o sistema como tal. Portanto, o capitalismo é a “fronteira” comum a todos. Não há “causa única”, o sistema é a “única causa”. Movimentos que lutam por causas não integráveis, como é o caso da “causa ambiental” (o capitalismo é antiecológico *per se*), podem ser derrotados um a um, a exemplo dos sindicatos de categoria. Portanto, a ruptura com a lógica destrutiva do sistema é, por sua própria natureza, global, a “única causa”. É ilusão efetivá-la no âmbito de uma “causa única”. Abundam defensores da “causa ambiental”, mas *in-solidários* com outras “causas”, como a “causa dos trabalhadores”, a “causa da saúde pública”, a “causa do tráfico de seres humanos”, a “causa da reforma tributária” etc.

### ***Prioridade 2: avivar a dimensão profético-missionária é meter-se em confusão***

*Bento XVI* atribuiu a crise à avareza humana e à idolatria. “Na quebra dos grandes bancos americanos, se vê o

Carrefour e Pão de Açúcar – detêm cerca de 50% dos alimentos comercializados no País – estão pautando a mesa do brasileiro.

principal erro: a avareza humana e a idolatria que vão contra o verdadeiro Deus, da falsificação da imagem de Deus por outro deus, o deus dinheiro”.<sup>22</sup> O bispo de Roma atualiza uma catequese nuclear do Cristianismo: *a raiz de todos os males é, de fato, o amor ao dinheiro* (cf. 1Tm 6,10). Gastar a vida acumulando bens materiais é a máxima expressão desta idolatria (cf. Ef 5,5; Cl 3,5). Por isso, afirma o pontífice, em hipótese alguma

pode-se considerar o capitalismo como o único modelo válido de organização econômica. A emergência da fome e da crise ecológica demonstra cada vez com maior evidência que, quando predomina a lógica do lucro, aumenta o abismo entre ricos e pobres e uma ruínosa exploração do planeta.<sup>23</sup>

Crescimento e destruição, progresso e desperdício são inseparáveis. Quanto mais produtividade, maior a destruição. A sociedade de consumo está alicerçada em montanhas de lixo tóxico.

Como a Vida Religiosa Consagrada está acolhendo o alerta de Bento XVI? É preciso ir além das aparências e desmascarar seus fundamentos. O capitalismo banalizou a utopia e sacralizou o acúmulo. A esperança cristã ocupa um papel imprescindível na recuperação da capacidade de seduzir as mentes e os corações na busca da saída deste abismo. O capitalismo nos trouxe a este ponto e é razoável supor que ele não prosseguirá *ad infinitum*. O preço da impotência diante da barbárie pode ser a escuridão. A correlação de forças a seu favor é brutal. Ao tratar dos conflitos ocultando a “única causa”, às vezes são abraçadas soluções quixotescas. Ora, esta crise não se reduz à política, ou ao “governo que temos”. Não se trata de mera “teimosia política”. É preciso ultrapassar os limites paralisantes da atual política do consenso, que oculta natureza perversa do sistema. Pela primeira vez em sua história, o capitalismo confronta-se com seus próprios problemas, que não podem ser transferidos para inimigos externos, pois não *há lado de fora*. Enquanto os problemas forem avaliados em termos parciais, de ajuste

22. Cf. Pronunciamiento ao clero da Diocese de Roma em 26 de fevereiro de 2009. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2009/february/documents/hf\\_ben-xvi-spe\\_20090226\\_clergy-rome\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2009/february/documents/hf_ben-xvi-spe_20090226_clergy-rome_po.html)>.

23. Oração do Angelus em 23 de setembro de 2007. Cf. *Discurso inaugural de Aparecida*, n. 4 (13 de maio de 2007).

24. Alvo de uma epidemia de cólera desde o ano passado, o Haiti pode sofrer ainda mais em decorrência da doença. A revista britânica *The Lancet* estima que oitocentas mil pessoas serão afetadas pelo cólera ainda este ano e onze mil poderão morrer. As ruas da capital continuam tomadas por barracas. Segundo a ONU, há cerca de mil e trezentos acampamentos com um total de um milhão e duzentas mil pessoas, em um país em que a taxa de desemprego chega a 80%. Segundo relatório da ONG **Oxfam**, apenas 15% das moradias permanentes ou temporárias necessárias para abrigar esse contingente foi concluído. A reconstrução do país, no longo prazo, deverá custar US\$ 11,5 bilhões.

econômico, aumento do salário, sustentabilidade etc., a apatia social diante da desintegração das instituições e dos valores é inevitável.

Urge recuperar a ousadia de denunciar que, no momento presente, há muitos *mercadores no templo*. O Cristianismo, uma das instituições fundamentais da sociedade contemporânea, vive uma séria crise de identidade. Regra geral, a força moral da religião no Ocidente evaporou-se, tendo sido mascarada pela persistência de “liturgias” [*sic!*] midiáticas recheadas de frugalidade e moralismo obsoleto. O capital conseguiu neutralizar a religião e colocá-la a seu dispor. Até que ponto a fé cristã foi seduzida pelo capital?

É possível melhorar este capitalismo *que temos*, ou somente uma nova alternativa pode nos tirar deste abismo? A mais cômoda (realista?) das alternativas aponta o capitalismo como um “mal menor” a ser tolerado e, dentro do possível, “melhorado”. Outra alternativa é a da mudança. Esta civilização está gravemente doente e, para evitar seu desenlace fatal, urge tentar mudá-la. A ruptura é necessária e exige paradigmas, valores e lógicas sociais pós-capitalistas.

## A estratégia de Jesus

Voltemos ao *servo sofredor*. Os insucessos do desenvolvimento em regiões como África e Oriente Médio, entre outras, e os escassos atos de caridade reservaram um tormento assustador para milhões de pessoas, como no Haiti.<sup>24</sup> Qual a melhor atitude diante das *multidões atormentadas pela perversidade* do capitalismo? Somos chamados a fixar os olhos na atitude de Jesus diante do sofrimento e da humilhação do povo, e de seu próprio sofrimento e humilhação na cruz. Quase não há palavras, o que há são atitudes. De um lado, Jesus trata de agir, pois ver o próximo entristecido lhe é intolerável (cf. Mt 8,14; Mc 3,1-4; Lc 13,10-13; Jo 11,35). De outro lado, sente profunda indignação ante a indiferença da sociedade diante da humilhação alheia, a dureza de coração

lhe causa tristeza (cf. Mc 3,5; 10,5; Lc 13,15-16). Por fim, seu sofrimento não está centrado sobre si mesmo, pois, ao assumir a figura do *servo sofredor* (Mt 8,17), assume a dor e a humilhação do outro como suas (cf. Mt 11,28; 25,31-46). É atingido por ela.

Assumir essas realidades, encará-las de frente, reconhecer que em meio à opulência dos bem-sucedidos a única experiência de milhares de pessoas resume-se à humilhação, ao sofrimento e à prostração (cf. Mt 9,36). É o primeiro passo para não cair na apatia e na sedução do capitalismo. Só assim é possível, com todos os atormentados, colocar a história em outra direção, na direção do Reino, seduzidos pelo Deus dos fracassados. Sempre há sinais de que algo novo se move, aqui e acolá. A humanidade está perdendo a batalha, mas pequenos combates estão sendo vencidos em algum recanto do mundo, pequenas fendas vão aparecendo nos muros desta poderosa fronteira que impede que a vida desabroche e se desenvolva.

Em Jesus, Deus triunfa com todas as vítimas e condena definitivamente toda a injustiça. Nossa fé deve reproduzir realmente a fé de Jesus. Crer como Jesus é tão importante quanto crer em Jesus. O futuro guarda surpresas inimagináveis. A presença dolorosa e perturbadora dos milhares de pobres *que choram, que passam fome, que são perseguidos e odiados* (cf. Lc 6,20-22) é também sacramento da presença de Deus. O problema dos pobres não é somente um problema econômico, pois tem a ver com Deus, crucificado neles. É questão de fé, é questão eclesial, está em jogo a “causa” de Deus revelado em Jesus: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Portanto, enfrentar este sistema perverso como “única causa” é assumir a “causa de Deus”, o Reino. Em tal contexto, a Vida Religiosa atuante nas fronteiras e periferias estará sempre metida em confusão, como Jesus. Deus tanto amou o mundo que enviou seu Filho Único, a fim de que “o carrasco não triunfe sobre a vítima”. Que a Vida Religiosa Consagrada jamais *esconda sua face diante do servo sofredor* (Is 53,3).

***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Quais as consequências mais notáveis e imediatas da crise de civilização sobre a realidade em que estou inserido?
2. Até que ponto a sedução da lógica, o estilo de vida e os valores do capitalismo interferem na vivência dos votos religiosos?
3. Onde podemos identificar a crítica profética da Vida Religiosa Consagrada em relação à absolutização do poder do capital?

FAUSTINO TEIXEIRA\*

## *Introdução*

A pluralidade religiosa é um dos traços mais característicos do século XXI. Não há como desconsiderar ou relativizar o traço da diversidade religiosa no tempo atual. Trata-se de um fenômeno irreversível, que tende a sublinhar a presença diversificada do outro como provocação permanente para a construção da identidade. O grande desafio está em compreender essa pluralidade religiosa não como um dado conjuntural passageiro ou fruto de cegueira problemática dos seres humanos, mas como um mistério transbordante, um dom que corresponde a um misterioso desígnio de Deus para a humanidade. A espiritualidade é um dos caminhos frutuosos para a percepção do valor da diversidade. Ela possibilita a afirmação da humildade, da abertura desarmada para o outro, e igualmente uma consciência viva da vulnerabilidade dos caminhos que levam a Deus no tempo. Talvez seja um dos campos mais propícios para a percepção do valor da inter-religiosidade, da dinâmica de dom que envolve a relação e a comunhão entre as diversas religiões, preservando os traços essenciais que as distinguem.

## *A irrevogabilidade do pluralismo religioso*

Um olhar atento ao cenário religioso mundial desarma radicalmente aqueles autores que defendem a irreversibilidade da dinâmica secularizadora. O que se verifica por todo canto é a pujante presença do fenômeno religioso em suas malhas diversificadas. Como indicou Peter Berger, em

\* Graduado em Ciência das Religiões e em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Atualmente, é professor associado II da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Endereço do autor:** Rua José Lourenço Kelmer, s/n, CEP 36036-330, Bairro São Pedro, Juiz de Fora-MG. E-mail: fteixeira@uai.com.br.

artigo sobre a dessecularização do mundo, “não há nenhuma razão para pensar que o mundo do século XXI será menos religioso que o mundo atual”.<sup>1</sup> Na ressurgente dinâmica religiosa atual, firmam-se dois fenômenos extraordinários: o impressionante crescimento do Islã e a efervescência pentecostal. Com respeito ao Islã, há que assinalar que em âmbito mundial ele ultrapassou o Catolicismo em número de adeptos, com cerca de um bilhão e trezentos e vinte e dois milhões de participantes. Em termos de porcentagem, os islâmicos alcançam a cifra de 19,2% da população mundial, enquanto os católicos estacionam na marca de 17,4% (um bilhão e cento e trinta e um milhões de fiéis). Assim, o Islã firma-se como a denominação religiosa mais numerosa da terra, embora menor que a soma alcançada pela cifra das denominações cristãs, com cerca de dois bilhões de adeptos. O maior número de muçulmanos concentra-se no subcontinente indiano, envolvendo aproximadamente quatrocentos milhões de fiéis, sendo a Indonésia o país com maior população muçulmana. Mas essa tradição religiosa firma-se igualmente nos espaços americanos e europeus, com forte registro nos Estados Unidos (cinco milhões), França (cinco milhões) e Alemanha (três milhões). Vale também registrar a presença de comunidades muçulmanas na América do Sul, sobretudo no Brasil (um milhão) e Argentina (setecentos e cinquenta mil).

A explosão pentecostal traduz outra vertente importante da retomada religiosa no tempo atual. No início do século XX, era um movimento incipiente, mas agora firma-se como um fenômeno de expressão mundial. O Pentecostalismo apresenta-se neste início de milênio como o segundo bloco cristão mais numeroso, envolvendo cerca de 26,2% dos fiéis, só superado pelos católicos, que ultrapassam os 52%. Constituem o grupo mais numeroso na África, superando os índices do Catolicismo. Sua presença é viva nos Estados Unidos e na América Latina, onde ocupam o segundo lugar dos batizados. Marca também presença no Extremo Oriente.<sup>2</sup>

1. BERGER, Peter. La désécularisation du monde: un point de vue global. In: BERGER, Peter (éd.). *Le réenchantement du monde*. Paris: Bayard, 2001. p. 28.

2. BEOZZO, José Oscar. Grandes questões da caminhada do cristianismo na América Latina e no Caribe. In: SANCHES, Wagner Lopes (org.). *Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 49-50. BERGER, La désécularisation du monde: un point de vue global, p. 23.



O crescimento e a afirmação do Islamismo e do Pentecostalismo são exemplos da nova presença do religioso no tempo atual, que envolve igualmente uma série de outras vertentes e irradiações de um fenômeno marcado por grande complexidade. A verdade é que o mundo vem pontuado pela presença crescente e “perturbadora” de outros que não se enquadram num campo de homogeneidade. E eles estão cada vez mais próximos, em nossas vizinhanças. Como mostrou Clifford Geertz, as distinções religiosas vão-se tornando mais visíveis e imediatas num mundo de fronteiras fluidas.<sup>3</sup> E isso pode favorecer uma dupla possibilidade: um novo entendimento inter-religioso ou o incremento da suspeita e o acirramento identitário. Wilfred Cantwel Smith já previa, na década de 1960, a afirmação dessa pluralidade:

Doravante a vida religiosa da humanidade, se é que ela de algum modo há de ser vivida, o será em um contexto de pluralismo religioso [...]. Isso é verdadeiro para todos nós; não apenas para a “humanidade” em geral, abstrata, mas para você e eu como pessoas, indivíduos. As pessoas de outras crenças religiosas não são mais periféricas ou distantes, fúteis curiosidades de histórias de viajantes. Quanto mais despertos estamos e quanto mais envolvidos com a vida, mais descobrimos que eles são nossos próximos, nossos colegas, nossos concorrentes, nossos companheiros. Confucionistas e hindus, budistas e muçulmanos estão conosco não só nas Nações Unidas, mas descendo a rua. Cada vez mais, não só o destino de nossa civilização é influenciado por suas ações; mas temos com eles também a intimidade de tomar um cafezinho juntos.<sup>4</sup>

Os teólogos cristãos vêm sendo desafiados a reconhecer o valor intrínseco das outras tradições religiosas, a honrar a alteridade na sua singularidade específica, a destacar os distintos caminhos religiosos como “vias misteriosas de salvação”, operadas e sustentadas pela Presença de um Mistério sempre maior. Buscam superar com instrumentos aperfeiçoados a perspectiva limitada que não consegue reconhecer no outro senão sua potencialidade de abertura positiva para aquilo

3. GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 158.

4. SMITH, Wilfred Cantwel. *The Faith of Other Men*. New York: Harper & Row, 1962. p. 11. Apud KNITTER, Paul J. *Introdução às teologias das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 21-22.

que ignoram. Trata-se de um caminho novo e desafiante: o reconhecimento do pluralismo de princípio. Como mostra Roger Haight, “o reconhecimento da influência salvífica universal de Deus transforma o pluralismo religioso em uma situação positiva, na qual se pode aprender mais acerca da realidade última e da existência humana do que o que se acha disponível em uma única tradição”.<sup>5</sup> O toque dessa abertura ao outro faculta ainda a possibilidade de, mediante o diálogo profundo, reconhecer e explicitar de forma ainda mais viva virtualidades escondidas do mistério que a todos preside.

### *Espiritualidade e abertura inter-religiosa*

Há que distinguir, inicialmente, mística e espiritualidade, com base nas reflexões de Raimon Panikkar. A mística diz respeito à “experiência integral da realidade”. Não se refere

a

e

“)  
es

intimidade, mas suscita a abertura ao mundo, aos outros, ao real. É uma convocação à experiência da “imanenci-  
dade”, do envolvimento no todo que traduz o “habitar o  
universo”.<sup>8</sup>

Quando vivida intensamente, a espiritualidade convoca necessariamente à abertura inter-religiosa, e por uma razão simples. Quando se penetra de forma desarmada e humilde no mundo interior, com a disponibilidade de atenção aos pequenos sinais do Mistério, a música da alteridade faz sentir sua presença. Essa rica metáfora da profundidade, e de sua conexão dialógica, foi captada de forma exemplar por Paul Tillich:

Na profundidade de toda religião viva há um ponto onde a religião como tal perde sua importância e o horizonte para o qual ela se dirige provoca a quebra de sua particularidade, elevando-a a uma liberdade espiritual que possibilita um novo olhar sobre a presença do divino em todas as expressões do sentido último da vida humana.<sup>9</sup>

É sugestiva essa reflexão de Tillich e a pista que a acompanha. De fato, na medida em que se aprofunda na própria experiência religiosa, toca-se um “ponto virginal” que escapa às determinações dos vínculos ou “nós” específicos que acompanham o engajamento religioso. Com a progressão do aprofundamento cresce a liberdade espiritual e a capacidade de ver o Mistério que brilha em toda parte. O sujeito que faz uma tal experiência reconhece que aquilo que vivencia não pode mais limitar-se ao estreito campo de seu domicílio religioso. Isso não significa uma ruptura com os vínculos até então estabelecidos, mas a instauração de um novo modo de exercício identitário, pontuado agora pela abertura e aprendizado inter-religiosos.

A mesma metáfora da profundidade vem utilizada por Paul Ricoeur para abordar a questão da abertura inter-religiosa. Também para ele a profundidade revela facetas inusitadas da verdade e convoca ao diálogo com o outro:

8. COMTE-  
-SPONVILLE,  
André. *O espírito do  
ateísmo*. São Paulo:  
Martins Fontes,  
2007. p. 127ss.

9. TILLICH, Paul.  
*Le christianisme et  
les religions*. Paris:  
Aubier, 1968. p.  
173.

É ato fundamental de esperança crer que, se me aprofundo no mais íntimo de minha convicção, tenho chances de encurtar a distância com o outro crente de outra religião, se este empreende o mesmo movimento de aprofundamento. Proponho a seguinte imagem da esfera: na superfície, as distâncias são imensas, mas à medida que a gente se dirige para um centro, cuja posse e domínio ninguém tem, a gente se aproxima. É a redução da distância pela profundidade e não pela fuga para frente na superfície das coisas.<sup>10</sup>

Segundo Ricoeur, é no âmbito da profundidade que se é capaz de perceber a riqueza do pluralismo. É também ali que se abre para as religiões a possibilidade de se compreenderem como comunidades de escuta e de interpretação, na medida em que tomam consciência de sua limitação e vulnerabilidade, e se veem provocadas ao desafio de abertura a um horizonte que é ilimitado. E Ricoeur complementa, com base na sua convicção cristã: “É muito difícil, entretanto necessário, ter como absoluto o caminho de Cristo e, ao mesmo tempo, pôr de parte esse pano de fundo no qual não penetro e o qual não atinjo a não ser pelo diálogo com as outras religiões”.<sup>11</sup>

Na tradição mística islâmica (sufismo), esse traço de abertura inter-religiosa é uma constante. Um de seus grandes expoentes, Ibn’Arabî de Murcia (1165-1240), foi dos mais decisivos defensores do pluralismo religioso. Num de seus clássicos trabalhos, lança uma forte advertência aos crentes:

Cuida-te de não te ligares a um credo particular rejeitando todo o resto, pois perderás um bem imenso; além do mais, perderás a ciência da Verdade tal como é. Que tua alma seja a substância das formas de todas as crenças, pois Allah, o Altíssimo, é muito vasto e imenso para ser confinado num determinado credo, em exclusão dos outros. E Ele diz com efeito: *Para onde quer que vos volteis, lá está a Face de Allah [...]*.<sup>12</sup>

Os buscadores verdadeiros são, segundo Ibn’Arabî, aqueles que ampliam suas crenças, que se deixam provocar pelas

10. RICOEUR, Paul. La pensée protestante aujourd’hui. *Réforme* 2609 (1995) 8. Em outro artigo assinalava: “É aprofundando meu próprio compromisso que posso encontrar aquele que, partindo de outro ponto perspectivo, realiza um movimento análogo”. Id. *Em torno ao político. Leituras 1*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 188.

11. RICOEUR, La pensée protestante aujourd’hui, p. 8.

12. IBN’ARABÎ. *Le livre des châtiments des sagesse*. Beyrouth: Al-Bou-raq, 1997. Tome Premier. p. 278.

irradiações novidadeiras do Mistério que brilha na experiência do outro, favorecendo, assim, uma maior participação na visão do Real.

A espiritualidade é uma matriz essencial de inspiração do novo, de acolhida do diferente e de despojada abertura ao outro. É também fonte de uma paz que brota de dentro e irradia com vigor na história. Trata-se da

fonte secreta que alimenta a paz cotidiana em todas as suas formas. Ela irrompe de dentro, irradia em todas as direções, qualifica as relações e toca o coração íntimo das pessoas de boa-vontade. Essa paz é feita de reverência, de respeito, de tolerância, de compreensão benevolente das limitações dos outros e da acolhida do Mistério do mundo. Ela alimenta o amor, o cuidado, a vontade de acolher e de ser acolhido, de compreender e de ser compreendido, de perdoar e de ser perdoado.<sup>13</sup>

### *O coração e a acolhida da diversidade*

Só é capaz de uma autêntica abertura inter-religiosa aquele que tem um coração receptivo para hospedar uma diversidade de formas e atributos. Não há como acessar os segredos divinos e sua dinâmica de manifestação no tempo senão mediante a purificação do coração.<sup>14</sup> No Evangelho de Mateus se diz, acertadamente, que os puros de coração verão a Deus (Mt 5,8). Quando se vive a pureza de coração, animada pelo ritmo do despojamento e da disponibilização, desperta-se para os sinais vivos de Deus que se manifestam por toda parte. Em clássico poema, Ibn'Arabî assinala:

Meu coração está aberto a todas as formas:

É uma pastagem para as gazelas,

E um claustro para os monges cristãos,

Um templo para os ídolos,

A Caaba do peregrino,

As tábuas da Torá,

13. BOFF, Leonar-  
do. A espiritualidade na construção da paz. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/06/07/a-espiritualidade-na-construcao-da-paz-296837.asp>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

14. SOUZA, Carlos Frederico B. de. *A mística do coração. A senda cordial de Ibn'Arabî e João da Cruz*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 244.

E o livro do Corão.  
 Professo a religião do Amor,  
 Em qualquer direção que avancem Seus camelos;  
 A religião do Amor  
 Será minha religião e minha fé.<sup>15</sup>

Seguindo as pistas abertas pela tradição mística sufi, o coração (*qalb*) é o órgão por excelência da percepção mística. Trata-se de um órgão sutil de captação dos Mistérios, que traduz os decisivos “impactos dos acontecimentos espirituais”. É, sobretudo, o “lugar do segredo divino”, o “receptáculo cristalino e proteico capaz de refletir todas as epifanias ou atributos de Deus”.<sup>16</sup> O termo coração, em árabe: *qalb*, deriva de uma raiz trilítera (*q-l-b*), que envolve o significado de receptáculo, mas indica igualmente a ideia de movimento, oscilação, flutuação, inversão, mudança permanente. É, portanto, um órgão dinâmico, em permanente estado de transformação para captar as epifanias divinas.

As teofanias divinas sucedem-se e modificam-se constantemente. A cada segundo o coração capta imagens diversificadas da presença do Mistério sempre maior. E em sua plasticidade é capaz de acolher com generosidade esse dom da diversidade. São manifestações que expressam aspectos diferenciados do Segredo divino. Não há, porém, como conter e exprimir essa Verdade em sua totalidade. Daí a necessidade permanente de manter aberta a porta da percepção. Não há por que fixar-se exclusivamente numa única tradição religiosa, excluindo a possibilidade do enriquecimento advindo da relação e do diálogo com o diferente. Como assinala com acerto Teilhard de Chardin, o Meio Divino é um “centro móvel” que escapa permanentemente às tentativas de apropriação. Trata-se da

eterna descoberta e o eterno crescimento. Quanto mais cremos compreendê-lo, mais Ele se revela outro. Quanto mais pensamos possuí-lo, mais Ele se recua, atraindo-nos para as profundezas de si mesmo. Quanto mais nos aproximamos dele, por meio

15. IBN'ARABÎ.  
*L'interprete delle passioni*. Milano: Urta, 2008. p. 51 (XI,13-15).

16. MASSIGNON, Louis. *Écrits mémorables II*. Paris: Robert Lafont, 2009. p. 309-310.  
 AL-NÛRÎ DE BAGDAD. *Moradas de los corazones*. Estudio introductorio de Luce López-Baralt. Madrid: Trotta, 1999. p. 36.

de todos os esforços da natureza e da graça, mais Ele aumenta, em um mesmo movimento, sua atração sobre nossas potências e sobre a receptividade dessas potências a este encanto divino.<sup>17</sup>

381

### *O Cristianismo e a convocação à abertura*

Quando se vive em profundidade a perspectiva cristã, a abertura dialogal vem naturalmente. Não há contradição alguma entre o domicílio cristão e a abertura aos outros. Na verdade, a dinâmica da alteridade está no coração do Cristianismo. Como sublinhou Edward Schillebeeckx no terceiro livro de sua trilogia cristológica, “a aceitação da diversidade das religiões está implicada na essência do cristianismo”.<sup>18</sup> O Deus de Jesus constitui um “símbolo de abertura” permanente, é um Deus que acolhe o sussurro do plural e integra as diferenças. O Deus que Jesus apresenta em seu ministério é uma Presença dotada de amizade e misericór-

O seguimento de Jesus Cristo envolve, portanto, uma mesma disposição de abertura ao outro. A habilidade ao diálogo, como sustenta Paul Knitter, “é uma parte essencial do que significa ‘ser fiel’ a Cristo”.<sup>20</sup> Não se relativiza em momento algum a riqueza da confissão existencial da experiência cristã do que Deus fez em Jesus Cristo. Essa convicção cristã permanece garantida, mas ela não enfraquece o reconhecimento do Deus verdadeiro que atua nas outras religiões, e que convoca a um diálogo sincero e autêntico. O Cristianismo e as outras religiões participam de uma mesma sinfonia inter-religiosa, cujo arranjo final está sempre adiado para um horizonte a que não se tem acesso. O tempo atual é pontuado pela “maturação multiforme” de experiências que são diversificadas. As religiões são compreendidas como fragmentos potenciais de um todo inacabado. E

a palavra de Jesus convida cada fragmento a não ultrapassar suas fronteiras para incluir nele próprio a exterioridade; ela sugere não sufocar as questões que alertam cada fragmento quanto à tentação de apresentar-se, publicamente, como o todo da relação com a transcendência. O elo dos fragmentos com o conjunto permanece indizível no tempo intermediário porque a totalidade é inimaginável. A palavra de Jesus salvaguarda as fronteiras exprimindo seu caráter provisório.<sup>21</sup>

O reconhecimento da singularidade do Cristianismo não pode ocorrer apagando ou desconhecendo a extraordinária diversidade das tradições religiosas. É no diálogo efetivo que se dá encaminhamento a uma sinfonia de vozes plurais que facultam a profunda revelação do Mistério sempre maior.

A missão cristã não perde sua razão de ser nessa nova perspectiva, mas vem ressignificada. O Cristianismo deixa de ser entendido como um “imperativo categórico” para todos, sendo agora descortinado como um dom de uma singularidade. De fato, a missão evangelizadora é essencialmente uma “missão de amor”. Encontra sua razão de ser e sua raiz na experiência do Deus de amor (1Jo 4,8.16), que é uma experiência de “amor fontal”. No encontro com Jesus,

20. KNITTER, Paul F. *Jesus e os outros nomes*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010. p. 109. Ver também: ARIARAJAH, Wesley. *La Biblia y las gentes de otras religiones*. Santander: Sal Terrae, 1998.

21. DUQUOC, Christian. *O único Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 163.



os cristãos vivem a radicalidade de uma dinâmica de amor, bem como um exemplo de vida descentrada e dedicada ao serviço: alguém que proclamou o projeto de Deus muito mais com atos e o diálogo do que com palavras. Como tão bem mostrou José Antonio Pagola, Jesus é alguém que contagia com saúde e alegria, que abre as portas para a percepção de um Deus que é “amigo da vida”, um Deus de compaixão e sempre misericordioso. Para ele, o decisivo foi sempre o amor, que é a expressão mais adequada para sinalizar a chegada do Reino de Deus. É a partir desse “centro do mistério do amor” que nasce a decisão e o desafio do impulso missionário.<sup>22</sup> Em sua raiz encontra-se a experiência de uma amor profundo por Jesus Cristo, que se traduz pelo desejo de compartilhá-lo com os outros. Antes de ser o resultado de um mandato, a missão evangelizadora é expressão de um mistério do amor que transformou o sujeito.<sup>23</sup>

## Conclusão

Nada mais desafiante no tempo atual do que a abertura ao outro, respeitando sua dignidade essencial e deixando-se enriquecer pelo Mistério que o circunda. É levando a sério o outro, na sua intransponível alteridade, que se firma para os cristãos uma melhor inteligência de sua identidade. Como mostrou Claude Geffré, a singularidade cristã vem hoje definida em termos de “relação a uma alteridade”. E é “[...] em virtude mesmo de nossa identidade cristã, que somos convidados a reconhecer o outro, o estrangeiro, na sua diferença e no limite que ele nos impõe”.<sup>24</sup> A identidade cristã não vem mais definida em termos de perfeição adquirida, mas enquanto processo em transformação, sempre habitada pelo desafio do outro. Essa sensibilidade dialogal vem reforçada e ampliada pela tônica da espiritualidade. Trata-se do fermento essencial para a ampliação do olhar. Na visão lúcida de Panikkar, há uma indispensável dimensão experiencial e mística na base da abertura inter-religiosa. E argumenta: “Sem uma certa experiência que transcende o reino mental, sem um certo elemento místico na própria vida,

22. PAGOLA, José Antonio. *Jesus, aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. Para uma resenha do livro, cf.: TEIXEIRA, Faustino. *Jesus, aproximação histórica*. *REB*, v. 70, n. 280, p. 974-978, out. 2010.

23. PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991. n. 83.

24. GEFFRÉ, Claude. *De babel à pentecôte*. Paris: Cerf, 2006. p. 123 – ver também p. 122.

não se pode esperar superar o particularismo da própria religião, nem mesmo ampliá-la ou aprofundá-la, ao ser defrontado com uma experiência humana diferente”.<sup>25</sup>

Todas as religiões, incluindo o Cristianismo, são fragmentos que expressam no tempo os sinais de uma “Presença Espiritual” que em si é isenta de ambiguidades. Há que ter viva essa consciência para evitar as tentações absolutizadoras. Não há como julgar as distintas expressões religiosas, como verdadeiras ou ilusórias, a não ser partindo do fundo mesmo do Mistério, que é impenetrável. O que se almeja no horizonte é uma comunhão que saiba preservar as diferenças, mas o caminho está em aberto, pontuado pelo “tempo da paciência de Deus”, e “ninguém pode obrigar Deus a agir mais depressa do que ele decidiu fazer”.<sup>26</sup>

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Quais as dificuldades teóricas e pastorais que impedem a acolhida do pluralismo de princípio?
2. Em que medida a espiritualidade torna-se essencial para a abertura ao diálogo?
3. Como entender a missão no tempo do pluralismo religioso?

25. PANIKKAR, Raimon. *La nuova innocenza 3. Sotto il Monte: Servitium*, 1996. p. 156.

26. SECRETARIADO para os Não Cristãos. *A igreja e as outras religiões*. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 44. (Coleção Documentos da Igreja, n. 5.)